

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

THAYNARA DE SOUZA SANTOS

OFICINAS DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET

Recife - PE

2019

THAYNARA DE SOUZA SANTOS

OFICINAS DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco

Recife - PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S237o Santos, Thaynara de Souza
Oficinas de Pré-história no museu Louis Jacques Brunet / Thaynara de Souza Santos. - 2019.
75 f.
- Orientador: Ricardo de Aguiar Pacheco.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2019.
1. educação patrimonial. 2. arqueologia pernambucana. 3. patrimônio cultural. I. Pacheco, Ricardo de Aguiar, orient. II. Título

CDD 909

THAYNARA DE SOUZA SANTOS

OFICINA DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial à conclusão do curso.

Recife, _____ de _____ de 2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco
Orientador

Prof. Leonardo Antônio Cisneiros Arrais
Professor da UFRPE

Prof. Dr. Lucas Victor Silva
Professor da UFRPE

Às minhas amadas, avó e mãe e ao meu
amado amigo Leonardo Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Às minhas amadas, avó e mãe, que com muita paciência me deram todo amor e suporte para completar esta jornada.

Ao meu amado amigo Leonardo Rodrigues, que nunca deixou meu espírito perecer nesta selva que chamamos de sociedade.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, seu corpo docente e administrativo, que me proporcionaram meu crescimento pessoal, tanto intelectual quanto humano de valores imensuráveis.

Ao meu orientador Ricardo de Aguiar Pacheco, que com sua maneira peculiar, me lapidou e tocou meu espírito, me ajudando a entender os significados do meu trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação, o meu muito obrigada.

“Suponho que entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Ou toca ou não toca.”
(Clarice Lispector, 1943)

RESUMO

Em um mundo globalizado onde as diferentes linguagens atravessam os sujeitos, os museus se vêm na necessidade de acompanhar as mudanças nos meios de sensibilização do olhar das comunidades sobre seus patrimônios culturais. Esta monografia preocupa-se em apresentar oficinas de Pré-história que trazem uma forma atrativa de abordagem de conteúdo histórico. A Educação Patrimonial é uma metodologia de ensino oferecida por Maria Lourdes Parreira Horta que, através de atividades participativas, permitem aos alunos explorarem os significados de cerâmicas indígenas pré-históricas pertencentes à exposição do Museu Louis Jacques Brunet. Estas oficinas tiveram sua relevância por despertar nos estudantes o espírito crítico sobre a cultura material. Este trabalho também realiza uma análise qualitativa de resultados didáticos obtidos durante a aplicação das oficinas. Este é um trabalho pedagógico para que os saberes continuem a serem produzidos e transformados de maneira crítica e coletiva através do encontro com os Patrimônios Culturais em museus pois, acreditamos que estes patrimônios são expressões vivas da cultura dos povos e que por isso merecem ser reconhecidos e preservados.

Palavras-chave: educação patrimonial, arqueologia pernambucana, patrimônio cultural

ABSTRACT

In a globalized world where the new languages cross the subjects, the museums need to follow the changes in the means of raising the awareness of the communities about their cultural heritage. This monograph is concerned with presenting Prehistory workshops that bring a dynamic learning about historical content, this is a teaching methodology offered by Maria Lourdes Parreira Horta, of Patrimonial Education, which through interactive activities leads students to explore the meanings of prehistoric indigenous ceramics belonging to the Louis Jacques Brunet Museum exhibition, these workshops have their relevance in awakening in the students the critical spirit. This work also intends to carry out a qualitative analysis of didactic results obtained during the workshops. This project worked so that the knowledges continue to be produced and transformed in a critical and collective way through the encounter with the cultural heritage in museums, these heritages are expressions of the culture of the peoples and for that reason deserve to be recognized and preserved.

Key-words: educação patrimonial, archeology of pernambuco, cultural heritage

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: A trajetória do Patrimônio Cultural na História e o seu potencial de consolidação da identidade cultural	12
1.1. Patrimônio e identidade na unificação dos povos.....	12
1.2. As mudanças das perspectivas das organizações mundiais sobre o Patrimônio Cultural	16
1.3. A crise de identidade e o patrimônio como ferramenta mediadora	18
CAPÍTULO II: OFICINAS DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET	21
2.1. A sistemática das Oficinas de Educação Patrimonial	21
2.2. Oficina 1: Patrimônio Cultural: Conhecer para pertencer O que é memória? O que é Patrimônio Cultural?.....	28
2.3. Oficina 2: Patrimônios Culturais da cidade do Recife	30
2.4. Oficina 3: O que é Pré-história?	31
2.5. Oficina 4: As técnicas de olaria indígenas.....	32
2.6. Oficina 5: O homem pré-histórico, rudimentar ou inovador?	33
2.7. Oficina 6: Utilizando a Técnica de olaria indígena.....	35
2.8. Oficina do Produto final: A exposição das peças reproduzidas	36
CAPÍTULO III Análise dos resultados das Oficinas de Pré-história no Museu Louis Jacques Brunet	38
3.1. Metodologia da análise de conteúdo.....	38
3.2. O Caráter Investigativo dos estudantes	42
3.3. Deduções sobre práticas associadas às cerâmicas	45
3.4. Idealizações sobre o Homem Pré-histórico	48
3.5. Concepção dos alunos sobre as cerâmicas	52
3.6 Impacto das oficinas nas concepções dos alunos sobre a Pré-história	54
CONCLUSÃO	57

REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – Dimensões de análise e resultados brutos das frequências de núcleos de sentidos	62
APÊNDICE B – Amostra de <i>Ficha de inventário da Cerâmica Indígena</i>	68
APÊNDICE C – Amostra de <i>Fichas de inventário do Saber da Técnica de Olaria Indígena</i>	70
APÊNDICE D – Amostra de Atividade de Idealização do homem pré-histórico (Inicial)	72
APÊNDICE E – Amostra de Atividade de Idealização do homem pré-histórico (Final)	73

INTRODUÇÃO

Em nossas lembranças afetivas encontramos um lugar de acesso à nossa identidade, lá está tudo aquilo que foi relevante para entendermos quem somos no presente. Desta mesma maneira, a memória coletiva é trabalhada por grupos sociais, para justificar uma unidade, para dar uma coesão e identificação entre seus participantes. Essas pessoas desejam criar um lugar de memória no qual possam ter acesso à sua história de vida, na tentativa de serem lembradas e de reafirmar sua existência. Podemos dizer que tudo que é considerado Patrimônio Cultural é a seleção de aspectos culturais que constituem os modos de vida desses povos, que querem garantir sua permanência através da transmissão de seus valores para as futuras gerações. Ao reconhecer as dimensões e diversidades de patrimônios culturais conseguimos abranger nossas concepções sobre o que é humano, abandonando o preconceito.

Neste sentido, todos os processos educacionais que envolvem patrimônios e expressões culturais contribuem para que os indivíduos tenham uma visão mais crítica para encarar o mundo e os acontecimentos sociais. Porém, mais importante ainda é o incentivo dado a estas atividades educativas que permitem jovens, em sua fase de desenvolvimento, participarem ativamente desses processos, possibilitando a ressignificação das práticas culturais. Acreditamos que é somente através da criação de estratégias participativas, estimuladoras dos sentidos, que instituições de memória, como o museu, conseguirão comover o público a conhecer e a interpretar os objetos e patrimônios culturais.

É dessa maneira que este trabalho compreende a relevância da difusão dos saberes dos povos e importa-se em apresentar a construção e a aplicação de oficinas, baseadas nas propostas da Educação Patrimonial, desenvolvida por Maria de Lourdes Parreira Horta e na Educação Patrimonial no Programa Mais Educação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), direcionada especialmente para a Educação Integral.

Nomeadas de “Oficinas de Pré-história no Museu Louis Jacques Brunet”, apresentamos um conjunto de sete oficinas que atuou no espaço educativo do respectivo museu, situado nas dependências da Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano. As oficinas trabalham em função da Educação Patrimonial ao modo que os alunos ativem as habilidades de investigação e

interpretação das referências culturais que os rodeiam, caminhando para a compreensão destes sobre a importância da cultura material de sua comunidade.

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de iniciação científica “Desenvolvimento de Objetos Didáticos para o Museu Louis Jacques Brunet”, durante o período de 2015-2017, orientado pelo professor doutor Ricardo de Aguiar Pacheco, realizado junto ao Laboratório de Estudos e Intervenção em Patrimônio Cultural e Memória Social (LEPAM) da Universidade Federal Rural de Pernambuco e financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE).

De modo geral este projeto preocupa-se em apresentar o impacto de estratégias específicas de ensino, que são próprias para a abordagem de Patrimônios Culturais, bem como compreender como os alunos perceberam os objetos durante e após a aplicação das oficinas.

Desta maneira este trabalho constitui-se também em um estudo analítico qualitativo sobre as atribuições de sentidos e apropriação de valores pelos alunos. Estaremos mensurando o efeito das oficinas na aprendizagem e no desenvolvimento de capacidades críticas dos alunos.

No primeiro capítulo é feito o debate teórico que traz as transformações dos conceitos de Patrimônio Cultural durante a História e suas relações com a identidade por Pedro Paulo Funari (2006), pois são estas concepções de patrimônio que conduzem os caminhos deste trabalho.

O segundo capítulo traz as metodologias de ações educativas e de organização didática que respaldaram as oficinas e a sistemática do manual que foi produzido durante o projeto, bem como traz a descrição de cada uma das sete oficinas elaboradas.

No terceiro capítulo executa-se uma análise qualitativa dos resultados obtidos durante a aplicação das Oficinas de pré-história em alunos do primeiro ano do Ensino Médio do EREM GP, iremos identificar as formas de percepção dos alunos sobre objetos arqueológicos: as cerâmicas indígenas pré-históricas.

Desejamos, portanto, com esse trabalho reconhecer a importância e legitimar o papel dessas práticas de ensino, que contribuem para fortalecer o sentimento de valorização frente aos patrimônios da realidade escolar do EREM GP, ao mesmo tempo que permitem a constante transformação dos valores culturais pela geração atual.

CAPÍTULO I: A TRAJETÓRIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA HISTÓRIA E O SEU POTENCIAL DE CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

1.1. Patrimônio e identidade na unificação dos povos

Os significados do Patrimônio Cultural modificaram-se com o passar do tempo, hoje são considerados patrimônio cultural todas as manifestações culturais realizadas por um povo, onde foram acumulados, agrupados e modificados a cada geração, objetos, expressões, significados e memórias da história de uma comunidade e por ela atribuído valores identitários, mas nem sempre assim foi considerado.

Neste capítulo vamos explorar algumas bibliografias para apresentar as transformações do conceito de Patrimônio Cultural até os dias atuais e a sua relevância como objeto mediador da identidade cultural do sujeito pós-moderno.

Para compreender melhor o significado de patrimônio precisamos conhecer sua trajetória durante a história. Segundo Funari (2006, p. 10) a origem primitiva da palavra, que vem de *pater* um termo grego que significa “pai” ou “paterno”, *monium* em latim significa “recebido”, então *patrimonium* é a herança paterna ou do *pater*. Para os romanos o patrimônio esteve ligado a tudo que era da posse do pai, ou senhor da casa, os escravos, terrenos, imóveis, incluindo a mulher e os filhos que estavam sobre seu domínio, tudo era seus bens e seriam deixados como herança para seus filhos. O patrimônio não era negócios da baixa sociedade, possuía e atribuía status aos nobres, sua origem veio do ambiente privado das famílias ricas, ministrado sempre pelos senhores da aristocracia da sociedade patriarcal de Roma, o patrimônio então, estava longe de um caráter público.

Funari (2006, p. 11) narra que na Idade média, com a chegada do cristianismo o patrimônio ganhou outros significados. Os objetos sagrados que a Igreja e os fiéis começam a valorizar ganham sentidos simbólicos e espirituais, estes sentidos eram estimados e compartilhados entre as pessoas durante os rituais eucarísticos ao modo que passaram a ser considerados pertencentes a toda comunidade cristã, deste modo tornaram-se significados coletivos e públicos. Contudo a alta sociedade já se mobilizaria para tornar a imagem da Igreja símbolo de magnitude e suprema autoridade, construindo esplendorosas catedrais, tornando esses monumentos em patrimônios coletivos, porém privativos da elite.

Já na era moderna o que ocorre é o oposto do medievo, os emergentes humanistas buscam combater o domínio religioso que acreditavam ser uma indesejada herança da Idade Média, anseiam o retorno da glória das sociedades antigas e ressaltam os valores humanos. Então, os humanistas não só procuram resgatar as obras dos pensadores antigos, como também iniciam o acúmulo de todos os objetos que estariam ligados à antiguidade grega e romana em suas casas, e assim fazendo surgir os Antiquários. Os colecionadores não tinham o objetivo de evocar valores identitários coletivos, mas sim valores intelectuais e ideais políticos e sociais das sociedades antigas, sendo então estas coleções, ainda de cunho aristocrático e privativo.

As transformações sofridas pelo conceito de patrimônio até o momento não tinham efeito agregativo cultural, apenas visava interesses privados dos colecionadores.

Segundo Pedro Paulo Funari (2006) foi na França onde o conceito moderno de patrimônio se desenvolveu, a partir do surgimento do Estado nacional o patrimônio começa a ser discutido como público e seus conceitos mudam radicalmente impulsionando as políticas preservacionistas de seus monumentos nacionais, e junto com estas mudanças surge a identidade cultural nacional do recém-formado cidadão.

O Estado nacional surge com sua melhor definição na França, como consequência da revolução de 1789, a queda da monarquia, não fazia mais sentido continuar com a velha estrutura política.

Era a República que estava sendo instalada e construída, Paulo Funari explica as necessidades para o funcionamento do novo estado nacional:

A República criava a igualdade, refletia na cidadania dos homens adultos. E precisava criar os cidadãos, fornecer meios para que compartilhassem valores e costumes, para que pudessem se comunicar entre si, para que tivessem um solo e uma origem supostamente comuns. (2006, p. 15).

Renato Janine Ribeiro fala da *vontade geral* que guia o governo democrático, não pelo egoísmo de vantagens pessoais, mas pelo bem comum ao povo:

Aqui entra a ideia de pátria. Não há república sem pátria. Esta, em primeiro lugar, é o espaço comum, coletivo, público – diferente do que é privado ou particular. Em segundo, é um intenso alvo afetivo. A pátria envolve amor, identidade, pertencimento. (2008, p.19).

Esta disseminação de valores culturais, sociais e coletivos viria através de políticas educacionais, voltados especialmente para as escolas e as crianças, para que desde cedo elas pudessem criar o sentimento de nacionalismo. Esta identidade, doutrinada pelas políticas do Estado nacional, segundo Hall (1998), é a forma mais primitiva de identificação que temos de nós mesmos. A identidade cultural nacional é uma das principais representações da definição do eu, quando nos identificamos como brasileiros ou americanos falamos de uma maneira que legitima nossa origem, acreditamos que nascemos com essa ligação nacionalista, porém, apenas fomos educados para acreditarmos que este tal sentimento de pertencimento à nação nasce conosco, como um atributo natural, mas é apenas uma invenção.

Para o homem exercer sua cidadania primeiramente necessita de sentir-se parte da sociedade em que está inserido. Toda essa cultura homogênea criada pelo Estado nacional visava a unificação do seu povo de seu território, em outras palavras, se estabelece aquilo que Stuart Hall chama de “comunidade imaginária”, quando acreditamos fazer parte de um todo homogêneo ou uma cultura real homogênea, mas que na realidade este todo é completamente híbrido, mas este é um ponto que será discutido mais adiante.

O papel do nacionalismo não se restringe apenas a unificação de povos, a identidade nacional também tem sua função de poder cultural, Schwarz explica:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade (1986, p.106).

A identidade nacional atuou como uma sutura das estruturas culturais da nação (HALL, 1998), esta que por sua vez, precisou primeiramente uniformizar sua língua entre os cidadãos e usou o que estava ao seu dispor, criando costumes, valores, símbolos e heróis, para construir uma cultura unificada, uma ferramenta para a manutenção do sentimento de pertencimento e de origem, isso inclui alguns dos elementos em comum entre os cidadãos e que estão presente em seu território, porém não todos, apenas aqueles selecionados por uma elite aristocrata e intelectual. Então,

o Estado ampara-se na utilização do patrimônio nacional que o pertence, assim começa a surgir os novos olhares sobre ele e a necessidade de sua preservação.

Em meio ao fervor das lutas da Revolução Francesa aparece a necessidade da proteção dos monumentos nacionais, é formada então uma comissão responsável pela seleção e proteção dos bens do Estado, apenas aqueles que segundo os atores políticos intelectuais representassem substancialmente a essência nacional francesa. Em 1837, nesta primeira comissão que se tratou das questões dos monumentos históricos, foram estimados como patrimônio os castelos e monumentos ligados à Idade Média e Antiguidade, porém, apenas em 1887 é criada uma legislação de proteção que se efetiva em 1906, abrangendo sua proteção aos patrimônios.

Renilfran Cardoso de Souza (2006, p.7) explica o papel da preservação dos monumentos nas sociedades:

A palavra original para monumento vem do latim *monumentum*, que é derivado do termo *memore*, que denomina lembrar de alguma coisa. Esse processo assegura o tempo passado, dando a garantia que a história ainda permanece, visualmente ou na memória das sociedades que acreditam na manutenção da identidade de um determinado espaço.

Como já foi dito e apresentado, as concepções de patrimônio cultural durante a História transformaram-se, contudo, sua modificação chega radicalmente junto à época moderna no decorrer dos maiores conflitos entre nações. Durante a Segunda Guerra Mundial a identidade nacional emerge fortemente, as nações em combate atribuem ao seu caráter uma posição extremamente racista, este era o chamado nacionalismo imperial, que também era aplicado com rigor pelas potências monárquicas ainda mesmo depois da segunda grande guerra. O patrimônio nacional neste cenário possuía valores restritos à história nacional e representava uma cultural homogênea, eram preservados os objetos que estavam ligados ao legado de heróis nacionais e elementos que principalmente estivessem relacionados à cultura erudita, “sempre excepcionais, representavam o belo, o exemplar.” (FUNARI, 2006).

Após a segunda Guerra Mundial, o caos deixado pelo grande genocídio tornou o nacionalismo imperialista uma política cultural negativa perante a comunidade mundial. O pós-guerra contribuiu para a agitação de movimentos políticos sociais, que exibiram às nações as diversidades culturais que existem numa mesma nação, estes movimentos surgiram principalmente em países colonizados e procuravam extinguir as ideias nacionalistas que pregavam a homogeneidade cultural e ainda este fervor

impulsionou o surgimento de grupos sociais que se mobilizaram para lutar em prol de causas sociais diversas, como as lutas negras e o feminismo por exemplo, novos posicionamentos políticos que reivindicavam igualdade social em suas lutas de causas variadas.

A situação atual da época valida o argumento de Stuart Hall, a nacionalidade como “comunidade imaginada” estava em crise, esta que foi construída pelos agentes nacionalistas com o intuito de unificar os povos, submetendo as diferentes culturas de um território à sua hegemonia cultural, buscando a todo custo reuni-las em um só povo, mas esta unificação não se faz mais eficaz no mundo moderno e resulta na queda do seu modelo. Esse modelo de construção de identidade já não surte efeito no sujeito pós-moderno, um indivíduo deslocado e híbrido. (HALL, 1997)

Entretanto, a identidade nacional ressurgiu com novas configurações, agora com a diversidade das identidades culturais efetivamente aceitas através de novas políticas culturais. Em meio a este cenário de crescentes ideais sociais políticos a ONU (Organizações das Nações Unidas) se vê pressionada pelo clima de diversidade e acaba por reconhecer o patrimônio como a forma mais variada de expressões culturais dos povos, e em 1945, na carta das Nações Unidas a ONU se compromete em contribuir para a mobilização internacional a favor da proteção da cultura mundial, cultural e natural, no mesmo ano é fundada a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o órgão mais importante no âmbito internacional para a proteção e promoção da cultura.

1.2. As mudanças das perspectivas das organizações mundiais sobre o Patrimônio Cultural

A primeira conferência da UNESCO, em 1972 na França, trouxe o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais que tratou como responsabilidade da comunidade internacional os assuntos de proteção e disseminação do patrimônio, considerou a importância da diversidade cultural e definiu o Patrimônio Cultural, Mundial e Natural. O Patrimônio Cultural consiste em monumentos, obras arquitetônicas, esculturas e pinturas; os conjuntos, aglomerado de aldeias, cidades, conjuntos de cidades; e os sítios urbanos, edifícios históricos, sítios arqueológicos; Patrimônio Natural como todas as formações naturais, geológicas, reservas ecológicas, áreas de habitat de animais ameaçados de extinção; são todos esses bens de valor histórico, cultural, científicos, arqueológicos,

paleontológicos e ecológicos, considerados Patrimônio Mundial da Humanidade. (FONSECA, 2009, SILVA, 2009, RAMALHO, 2015)

Até então a UNESCO considera patrimônio apenas aqueles bens móveis e imóveis, e só irá começar a discutir a integração dos bens intangíveis após as argumentações efetuadas numa conferência realizada pelo ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), em 1985, que definiu mais abertamente a composição da cultura de um povo, quando também se constitui das produções de artistas, músicos, compositores, de valores humanos e elementos que influenciam os modos de viver. Mesmo depois dessas e várias outras considerações, argumentações e planos de proteção apresentados em diversas conferências, a UNESCO não cita nenhuma modificação em relação à cultura imaterial em suas Recomendações de Salvaguarda até outubro de 2003, quando a UNESCO aprova a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial para serem discutidos o reconhecimento e a série de problemas que envolvem o debate, e, é nesta convenção onde são escritos documentações de reconhecimento das culturas imateriais como patrimônio. A UNESCO então determina a proteção de todos os bens culturais que de alguma forma contribuem para os referenciais culturais e de identidade de todos os povos, estes compõem o Patrimônio Mundial da Humanidade, que agora é classificado pela organização em Patrimônio Cultural, Patrimônio Natural e Patrimônio Imaterial, sendo este último formado por todas as expressões culturais que regem a vida de povos, na forma de tradições; crenças; cantigas; danças; artesanato regional e tantos outros objetos referentes a essas manifestações. (SILVA, 2009, RAMALHO, 2015)

De fato, o Patrimônio Imaterial tardou a ser reconhecido, devido principalmente as dificuldades que seriam enfrentadas pelas organizações, como por exemplo, no registro e na preservação dessas manifestações intangíveis. Porém A UNESCO cedeu as críticas e argumentações e acaba por reconhecê-lo.

No cenário nacional brasileiro, o interesse na proteção ao patrimônio surge após a dissolução do governo militar e com a criação do Ministério da Cultura em 1985, que era o órgão responsável por instituir políticas de preservação ao patrimônio histórico e cultural, além de ser responsável por todos outros assuntos que envolvessem cultura. Na constituição de 1988, que aborda com mais ênfase os valores sociais, frisa a proteção e difusão do patrimônio cultural como responsabilidade do Estado, e amplia as definições de patrimônio. Em seu artigo 215 define o patrimônio como todas as formas de expressão, modos de criação, artísticas,

científicas e tecnológicas, bem como as obras, objetos, documentos, sítios arqueológicos e paisagísticos de valor cultural e social.

Além do Ministério da Cultura, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), fundado em 1937, também é o responsável pela gestão e pelos meios de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, é encarregado dos registros, inventários, tombamentos e de políticas educacionais voltadas para a cultura, entre outras ações que o promova. O IPHAN organiza o patrimônio Cultural Brasileiro dentro das classificações da UNESCO: Patrimônio Natural; Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial, dentro dessas estão presentes as categorias: Patrimônio Histórico; Patrimônio Artístico; Patrimônio Arqueológico; Patrimônio Arquitetônico; Patrimônio Mundial; Patrimônio Subaquático; Patrimônio Móvel; Patrimônio Imóvel; Patrimônio Naval. (IPHAN, 2004, FONSECA, 2011).

Hoje, após todas essas e aquelas transformações o conceito contemporâneo do Patrimônio cultural busca envolver todas as produções, expressões culturais e sentimentos humanos que contribuem para identificação entre os indivíduos de um mesmo grupo social e permite que o sujeito desenvolva o sentimento de pertencimento a um povo ou grupo, além disso, ao conhecê-los e perceber suas dimensões e diversidades abrangemos nossos horizontes e concepções humanas, assim abandonando o preconceito. Esses significados atribuídos ao Patrimônio Cultural, ou objetos culturais, não são características propriamente ditas do objeto, mas são significados criados e atribuídos pelos seres humanos, por meio da inter-relação sociocultural e histórica que se dá entre objeto cultural e os sujeitos. José Reginaldo Santos Gonçalves cita o patrimônio não apenas como a representação de uma cultura étnica, mas como um produto resultante e ativo nas ações humanas:

[...] Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. (Gonçalves, 2003, p. 27)

1.3. A crise de identidade e o patrimônio como ferramenta mediadora

As mudanças das definições do patrimônio o acompanham à medida que ele se desloca no tempo, modificando-se de acordo com as diferentes necessidades

sociais, culturais e políticas de cada época, então, não bastando realizar a análise apenas do objeto cultural para efetivar a evocação de uma cultura, mas também o indispensável estudo da articulação entre ele e o homem.

Gonçalves fala da relevância do Patrimônio Imaterial na formação cultural do sujeito a partir das inter-relações do mesmo com o imaginário e heranças dos antepassados:

[...] Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (2003, p. 27)

O patrimônio cultural está tão envolvido no cotidiano que chega a ser imperceptível, tomado como rotina e acaba por não ser identificado e reconhecido. É fundamental o exercício de reconhecimento dos patrimônios essencialmente nesta época em que a sociedade, segundo Stuart Hall (1998), encontra-se com sua identidade em crise como resultante das transformações sociais e fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno, que ainda por cima foi bombardeado pela chegada da globalização. Os processos de globalização trouxeram pontos positivos nos contatos culturais por todo o globo, como o fortalecimento dos laços das comunidades locais e mundiais, porém também trouxeram os negativos.

Com os diálogos constantes entre as comunidades, as culturas chocam-se podendo resultar em intolerâncias, sua fragmentação e até mesmo sua unificação, a culminação destes processos poderá ocasionar a diluição das culturas e a formação de uma cultura universal (HALL, 1998). A globalização influi na percepção do espaço-tempo, quando as informações de acontecimentos ao redor do mundo se espalham em uma grande velocidade. Assim o indivíduo cria a ideia de que está inserido numa grande comunidade, ele se identifica com as necessidades consumistas que surgem dentro desta comunidade universal e se apropria destes padrões, o mercado global produz mercadorias para suprir tais necessidade e acaba por consolidar esse processo citado por Hall (1998) de “homogeneização cultural” onde o sujeito põe essa identidade à cima das demais identidades (nacionais, locais e sociais).

Agora que as identidades nacionais e culturais estão se dissolvendo e para que as diversidades e as representações culturais não desapareçam é preciso que estas culturas sejam promovidas e reafirmadas. O patrimônio cultural, como já dito antes,

vem com estas funções e objetivos junto com as políticas públicas desenvolvidas pelos órgãos responsáveis, como por exemplo, o processo de tombamento, a criação dos museus e as propostas de Educação Patrimonial aplicadas nestes espaços educativos no Brasil.

Estes e outras políticas para a proteção e promoção do Patrimônio Cultural são essenciais para a consolidação da identidade cultural, mas também para o reconhecimento das nossas origens, experiências e saberes deixados por nossos antepassados. Visando estas importâncias, nos próximos capítulos esta monografia se utilizará dessas definições de Patrimônio Cultural para respaldar ações educativas desenvolvidas e aplicadas em alunos de Ensino Médio.

O Patrimônio cultural é um dos elementos produzidos pelo homem que traz a representação de todo este conjunto que fundamenta nossos valores sociais e explica os comportamentos humanos, respeitar e identificar-se com a nossa cultura é fundamental para dar continuidade ao processo de construção cultural e de transmissão destes valores. O patrimônio agora tenta abranger todas as individualidades culturais e apesar de ter sofrido as variadas mudanças bruscas nas suas definições diante da História, traz consigo sempre a essência da representação e do pertencimento de um lugar, um grupo social ou um povo, e esse sentimento é primordial para que o ser humano continue a exercer sua coletividade, ao mesmo tempo em que mantêm, supri e respeita suas individualidades.

CAPÍTULO II: OFICINAS DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET

2.1. A sistemática das Oficinas de Educação Patrimonial

Neste capítulo pretendemos apresentar conceitos de Educação Patrimonial que respaldaram nossa pesquisa e em seguida iremos descrever uma série de Oficinas de Pré-história, desenvolvidas para o Museu Louis Jacques Brunet e aplicadas no Clube Jovens em Ação pelo Patrimônio da Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano, o Museu LJB fica localizado no interior desta escola, que por sua vez está situada na Rua da Aurora, no Bairro da Boa Vista.

Nossas oficinas preveem uma forma atrativa de análise e exploração do conteúdo histórico expresso em objetos, lugares, aspectos e referências culturais em geral da comunidade que rodeia o corpo escolar. O propósito dessas oficinas no museu também foi de tornar seu espaço reconhecido e utilizado pela comunidade escolar, trazer os entendimentos e a importância da educação patrimonial na educação básica, contribuindo para a formação da identidade cultural dos estudantes. Tivemos a intenção de manter viva a conexão de um passado que se mostra remoto e tão pouco interessante aos alunos, mostrá-los o nosso início primitivo antes das civilizações, e que nem por isso se mostra menos intrigante e revelador.

Grunberg demonstra a relevâncias das ações educativas patrimoniais (apud FONSECA, 2011, p. 2):

Os estudos das questões patrimoniais sobre preservação, conservação e restauração dos objetos culturais propõem ações educativas como uma maneira de criar nos sujeitos valores e respeito frente a tais manifestações culturais. A capacidade de decodificar os objetos e fenômenos culturais, através de sua expressão, forma e conteúdo, aumenta a perspectiva de compreender o mundo.

Desta maneira a Educação Patrimonial não envolve apenas conteúdos históricos e didáticos, englobam também questões que regem a vida de um povo ou grupo, abre ao público possibilidades de reflexão e análise sobre tais manifestações culturais e suas significâncias, indagam suas formas e ideias em que foram construídos, deste modo os espaços educativos formais ou informais onde se trabalha

com os bens culturais tornam-se um ambiente em que o indivíduo desenvolve seu senso crítico básico.

De acordo com Maria de Lourdes Parreira Horta (1999), contribuinte fundamental para a construção dos referenciais metodológicos de ensino de Educação Patrimonial, apenas a apresentação de conteúdos em textos já prontos não é o suficiente para que ocorra a assimilação dos significados que as manifestações culturais exprimem.

Horta define a Educação Patrimonial (1999):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural... (HORTA, 1999; p. 6)

Para a eficácia das ações educativas deve ocorrer o encontro do indivíduo leigo com o objeto cultural, afim de que a descoberta do objeto e seu reconhecimento mergulhem-no no universo de experiências e expressões culturais de tal forma que ele será coagido a apropriar-se e identificar-se de forma consciente. O objetivo destas ações está longe de ser apenas acumulação de conteúdo, trata-se também de uma maneira de firmar gradualmente a transmissão de valores e crenças para as gerações seguintes, contribuir para a continuidade do processo de produção cultural e fortalecer o respeito ao patrimônio cultural da comunidade a qual os participantes das atividades pertencem. A autora oferece conceitos e estratégias que facilitam a aprendizagem e associação do aluno ao conteúdo histórico dado em sala de aula, abre caminho para as possíveis análises e comparações com o mundo atual, bem como incita o desenvolvimento da criticidade e habilidades investigativas do jovem adolescente, mostrando à eles através desses processos, que eles também são agentes transformadores da história, contribuindo não só para a continuidade de saberes e modos de vida mas também para a transformação de valores através de suas interpretações daqueles objetos culturais.

O processo de aprendizagem na Educação Patrimonial segue quatro etapas metodológicas:

A observação, baseia-se na exploração e avaliação através dos sentidos (visão, tato, olfato, paladar), investigação e questionamento das funções do objeto através da sua materialidade;

O registro, anotação das informações coletadas e organizadas de maneira lógica num desenho, num texto, numa fotografia, descrevendo-o, **inventariando** o objeto, fixando-o na memória e desenvolvendo o pensamento lógico e intuitivo sobre ele;

A exploração, que é análise das informações, desenvolvimento de **problematizações**, discussões, execução de **suposições** e análises sobre o objeto, é também o aluno buscar informações em outras fontes como livros, jornais, entrevistas para comparações e esclarecimento sobre ele; a última etapa

A apropriação, é o momento de externar todas concepções apreendidas com o estudo do objeto, pode ser apresentado de várias maneiras desde que retrate as manifestações do objeto, produção de filmes, encenações, poesias, descrições próprias e criativas dos participantes em forma de escultura, vídeos, desenhos, etc, trata-se de uma releitura do objeto ao seu modo, a partir dos sentidos e conhecimentos construídos nos processos anteriores.

Segundo Horta (1999) quando o indivíduo compreende a significância do objeto para a cultura da comunidade a qual ele pertence, a ideia que ele externa e as técnicas de sua fabricação, ele internaliza estas informações e concede um valor para este objeto cultural, desta forma constitui-se num cidadão consciente de sua cultura em meio a tantas outras.

Neste projeto aplicamos tais métodos sistemáticos buscando destacar a importância da região do Sertão Pernambucano nos estudos pré-históricos e realizar uma melhor compreensão dos costumes e técnicas de produção de cerâmicas dos povos indígenas e pré-históricos que antecederam a nossa sociedade contemporânea. Utilizamos do acervo material e bibliográfico do Museu Louis Jacques Brunet para a produção das atividades educativas, nossas oficinas englobam os conhecimentos teóricos e analíticos da coleção: Cerâmicas indígenas e pré-históricas dos Sítios arqueológicos do Monte Angico e Bom Jardim – PE e inserimos este conteúdo nas estratégias de Maria Parreira Horta.

O conjunto de oficinas foi desenvolvido sistematicamente para alcançar os objetivos didáticos do projeto. A **estruturação** das oficinas foi baseada na lógica

didática que propõem etapas de ensino que são interdependentes, além da produção de conhecimento permitem o exercício de habilidades e hábitos relacionados as atividades de estudo, possibilitando ao aluno o uso destas habilidades no seu cotidiano.

As oficinas foram desenvolvidas mediante os recursos didáticos disponíveis e conteúdos didáticos escolhidos acerca da coleção de cerâmicas indígenas pré-históricas, trataram de temas interligados, deste modo, a medida em que foram aplicadas as oficinas gradualmente avançaram nos diversos temas escolhidos para a culminância dos objetivos didáticos no tempo disponibilizado no plano do projeto.

Cada oficina foi planejada observando a proposta de planejamento desenvolvida por Libâneo (1999, p. 177). As etapas de: preparação; tratamento didático; consolidação; aplicação e avaliação estruturam cada oficina. (LIBÂNEO, 1999,)

A respeito da estruturação das oficinas a *preparação* é a etapa inicial onde são traçados os objetivos das oficinas e se traz à tona conhecimentos prévios dos alunos sobre os temas que serão abordados. Esta é uma forma de o próprio aluno introduzir o tema a partir do que sabe, realizando processos de desconstrução de pré-conceitos e também estimulando os alunos para a realização das atividades de estudo. Introduzir o assunto realizando associações com a vida cotidiana e os processos sociais dos quais os alunos participam é mais uma importante estratégia a ser aplicada no início das oficinas para envolver a atenção dos alunos e contribuir também para as experiências sociais desses. No caso de ser uma oficina em que irá ser realizado um estudo mais aprofundado sobre o tema da oficina anterior a *preparação* inclui atividades de revisão das informações já trabalhadas, para que os alunos estejam preparados para avançar sem dificuldades baseando-se nos conceitos primários bem fixados. (LIBÂNEO, 1999)

Nessa etapa foram realizadas algumas atividades como ilustrações e descrições dos alunos sobre o homem pré-histórico, elaboração de historinhas que se relacionam com o conteúdo, interações comunicativas entre professor e alunos sobre o tema, a participação dos alunos na organização das oficinas trazendo materiais para serem utilizados como ferramenta nas atividades.

Na etapa do *tratamento didático* é quando ocorre o processo de construção do conteúdo e as demais atividades que o incentiva. Para tanto são estimuladas as capacidades cognitivas e de raciocínio dos alunos pelas atividades de estudo do

conteúdo. Nestas atividades os alunos utilizam a percepção sensorial em seu encontro inicial com o conteúdo e após a compreensão progressivamente são sistematizados os conteúdos para que possam ser exercitados nas diversas problemáticas simples criadas pelo professor nesta e nos seguintes passos didáticos, deste modo essa etapa não é exclusiva para o estudo, mas é necessário que ocorra tarefas e exercícios de aplicação, é o primeiro contato dos alunos com o conteúdo e por isso devem acontecer várias atividades de reprodução para que o aluno consiga utilizar o conteúdo independentemente do professor, como soluções criativas nas etapas de *consolidação* e *aplicação*. (LIBÂNEO, 1999)

A construção do conteúdo nas oficinas ocorreu de maneira indireta através de exposição do conteúdo pelo monitor que utilizou alguns meios de ilustração como slides com fotos de tipos de patrimônios culturais, por exemplo. Também ocorreu de forma direta quando os alunos se confrontaram com diversos fenômenos ou acontecimentos relacionados com o tema, como por exemplo, na análise dos objetos culturais que cerceia a comunidade escolar, destacaram os valores afetivos ali atribuídos. A partir desse contato direto com objetos e situações relacionados ao tema foi possível aos alunos construir noções e sistematizar as informações para que se pudesse utilizá-los em outros confrontos e problemáticas futuras. (LIBÂNEO, 1999)

Algumas outras atividades de percepção direta do conteúdo realizadas foram: pesquisas realizadas na internet e livros paradidáticos sobre o tema pré-histórico da biblioteca da escola e do Museu LJB pelos alunos independentes do professor, a utilização de fotos de objetos culturais para observação e análise dos mesmos, desenhos e descrições realizados pelos alunos, a observação e análise das cerâmicas em exposição, exibição de documentários com demonstrações de técnica de olaria indígena.

A *consolidação* das oficinas trabalha para a acomodação dos conteúdos pelos alunos, permite o avanço dos alunos para o uso mais complexo e independente do conteúdo, aplicando a aprendizagem em outras situações diferentes já conhecidas apresentadas pelos livros ou por exercícios que promovam a fixação e revisão do conteúdo. A *consolidação* é a etapa que mais apresenta interdependência entre as demais, por poder ser aplicada como uma etapa didática ou intercalando as etapas, porém ela ocorre constantemente, em todos os momentos através dos processos de acomodação do conhecimento, na *preparação* para a revisão do tema abordado na

oficina anterior, no *tratamento didático* através dos exercícios de fixação e na *aplicação* quando o conteúdo é utilizado para solucionar problemas da vida real.

As consolidações podem ser para revisão e ligação dos conteúdos já vistos aos novos, aplicando-os em situações problemáticas já conhecidas; para permitir integrar novos conhecimentos a partir de uma análise de perspectiva diferente sobre tema e relacionando-o com temas da vida real ou será onde o aluno irá utilizar a aprendizagem para produzir um produto concreto e criativo relacionado com o tema. As consolidações auxiliam no exercício das habilidades recém-adquiridas, contribuindo para a estruturação lógica da matéria na mente do aluno. (LIBÂNEO, 1999)

As atividades realizadas para a *consolidação* foram: diálogos entre os participantes sobre os patrimônios culturais onde os alunos citaram os patrimônios culturais da cidade que conheciam e tentando identificá-los a partir dos conceitos apreendidos; a análise do objeto cultural através de fotos trazidas pelos estudantes e o preenchimento da ficha de inventário de acordo com a análise realizada, ocorreu uma reflexão sobre os significados e valores que foram atribuídos aos objetos; a realização da primeira modelagem de cerâmicas baseada nas informações coletadas nas pesquisas dos alunos, por exemplo, a atribuição de formas à cerâmica dependente da utilidade que os alunos queiram dar a ela; questionários e ilustrações em desenho e descrições realizados pelos alunos após a exibição dos documentários para concluir a desconstrução e apropriação de uma nova concepção dos antigos grupos humanos; a segunda modelagem baseada nas técnicas reais vista nos vídeos e apreendidas pelos alunos; a elaboração de narrativas pelos alunos que contam sobre a vida na Pré-história onde o personagem é o homem pré-histórico, nesta historinha o aluno cria uma problemática e introduz a cerâmica como a solução.

As atividades de *aplicação* das oficinas é o momento de culminância do ensino-aprendizagem. Nesta etapa os alunos são levados a sair da teoria e ir para a prática, utilizando a aprendizagem para a solução de problemáticas da vida real. A prática exige que os processos de acomodação, fixação e independência da utilização dos conhecimentos estejam firmados. Os alunos são induzidos a realizar uma leitura diferenciada do mundo a partir dos conhecimentos e habilidades apreendidos, assim incitando o pensamento crítico do indivíduo. (LIBÂNEO, 1999)

Algumas atividades de *aplicação* nas oficinas foram ilustrações em desenhos de objetos, lugares ou alguma figura que represente manifestações culturais que na

opinião dos alunos consideravam agradáveis, bonitos e que assim mereciam ser preservados e deixados pra as gerações futuras; diálogos entre os alunos e o professor sobre os valores dos objetos pessoais trazidos pelos alunos onde é permitido realizar comparações com os valores do Patrimônio Cultural e a importância da sua continuidade para a memória e os valores da sociedade.

O controle ou *avaliação* das oficinas ocorrem de maneira contínua e sistemática, por pode ser aplicada como uma etapa ou estar presente durante os outros procedimentos. É nesse processo onde são obtidas as informações sobre como se deu a acomodação do conteúdo pelos alunos. Os resultados da avaliação devem corresponder diretamente aos objetivos traçados no início das oficinas.

Dependendo do tipo de avaliação é possível obter um resultado qualitativo ou quantitativo do domínio do assunto pelos alunos, podem ser obtidos mediante a aplicação de provas, atividades, exercícios e tarefas, como também podem ser consideradas as atitudes e ideias expressas pelos alunos durante as atividades de estudo. As avaliações servem também para detectar falhas e desvios dos alunos durante os processos didáticos e também para diagnosticar os avanços das atividades frente aos objetivos. O avanço da aprendizagem se dá através da aplicação de todas as oficinas, visto que são planos interdependentes que onde os conteúdos se completam e se conectam.

Para *avaliação* das oficinas o professor jogou os alunos em todas as suas produções. Todo o tempo as concepções expressas pelos alunos são anotadas e tomadas como relevantes para avaliação do desempenho dos alunos. Tais elementos como as respostas aos questionários antes e depois dos processos de aprendizagem; as opiniões e concepções expressas pelos alunos nas discussões das oficinas; a correção do preenchimento da *Ficha de inventário do objeto e de saberes*; observação do desempenho dos alunos durante as atividades de modelagens que devem se assemelhar as técnicas apreendidas; o produto final das oficinas de modelagem também é avaliado mediante suas formas e funções atribuídas pelos alunos; verificação das narrativas desenvolvidas pelos alunos sobre a vida na Pré-história que devem concordar com o conteúdo aprendido nas oficinas e por fim avaliação da “mini exposição” montada pelos alunos levando em conta a organização da disposição das peças produzidas e a apresentação de cada aluno, são estas todas as produções dos alunos nas oficinas que serão avaliadas.

Na última oficina foi proposta como atividade de encerramento uma exposição das peças reproduzidas pelos alunos no Museu Louis Jacques Brunet, nesta exposição os alunos foram os monitores de suas respectivas peças produzidas e apresentaram os conteúdos apreendidos sobre as cerâmicas indígenas pré-históricas aos demais integrantes da comunidade escolar do EREM Ginásio Pernambucano.

Apresentemos agora como foi planejada cada oficina.

2.2. Oficina 1: Patrimônio Cultural: Conhecer para pertencer O que é memória? O que é Patrimônio Cultural?

Na aplicação da primeira oficina desejamos introduzir os conceitos e valores dos patrimônios culturais aos alunos e discutir sobre os patrimônios culturais da cidade.

Oferecemos aos alunos essa fase inicial de oficina de reconhecimento do Patrimônio Cultural buscando modificar sua visão e sua postura em frente a um objeto histórico ou cultural, para despertar a memória das experiências sociais onde aqueles objetos estivessem envolvidos. Tentamos descartar a imagem que tinham do patrimônio histórico como um objeto velho e sem nada a oferecer, assim propiciando uma experiência melhor no encontro futuro dos alunos com as cerâmicas indígenas pré-históricas, com várias possibilidades de investigação, interpretações e releituras no espaço museológico.

Desenvolvimento:

Para isto iniciamos a *preparação* dos alunos questionando-os sobre as suas memórias e tradições que são presentes nas relações familiares e que consideram importantes, os alunos responderam oralmente e as respostas foram listadas pelo professor no quadro.

Em seguida distribuimos um questionário com duas perguntas “Qual o sentimento que estas memórias familiares despertam em você?” e “como seria a sua relação familiar sem estas memórias e estes sentimentos?”. Recolhemos as folhas do questionário e lemos em voz alta as respostas. O professor realizou uma comparação das memórias familiares com a memória social destacando o potencial dos dois tipos que fazem cada um dos integrantes de grupos sociais se identificarem como um só organismo também através dessas memórias compartilhadas.

No próximo procedimento da oficina realizamos o *tratamento didático* onde foi realizada uma discussão partindo de uma questão: “O que é Patrimônio Cultural?”,

realizada a discussão o monitor explanou sobre os conceitos de patrimônio cultural e suas contribuições para a manutenção da memória social que foi citada no procedimento anterior. Com a utilização de slides o professor exibiu os tipos de patrimônios culturais aos alunos. Ao fim deste procedimento o professor solicitou aos alunos que trouxessem na próxima oficina registros (em fotos, desenhos ou textos descritivos) de um objeto, memória, lugar, ou tradição que eles consideravam importantes e que estão presentes no seu bairro, na cidade, no meio familiar ou na sua escola Ginásio Pernambucano.

Para o procedimento de *consolidação* do conteúdo da oficina foi realizado um diálogo sobre os Patrimônios Culturais da cidade do Recife. A provocação inicial foi “*Quais os Patrimônios culturais da cidade do Recife que conhecemos?*”, em seguida foi discutido “*Quais desses patrimônios são considerados mais marcantes e como seria a vida na cidade sem eles?*”.

Para a *aplicação* o professor distribuiu folhas de ofícios aos alunos e os pediu para listar ou ilustrar alguns objetos comuns do cotidiano escolar que na opinião dos alunos merecessem ser preservados e deixados para a geração de futuros estudantes do Ginásio Pernambucano e por fim também solicitou que justificassem a escolha.

A *avaliação* realizada pelo professor considerou as concepções e percepções dos alunos sobre os patrimônios culturais da cidade do Recife presentes nas respostas expressas pelos mesmos nos dois diálogos realizados e os desenhos da *aplicação*. Esperávamos que os alunos apresentassem uma visão mais ampla sobre os patrimônios culturais, também no sentido de destacar os objetos culturais que os alunos se identificavam e o valor atribuído a eles. A partir do que se realizou foi possível perceber como acontecia esses processos de identificação do aluno com manifestações e patrimônios culturais, a função que os alunos imaginavam que esses patrimônios possuíam e os valores afetivos atribuídos a alguns deles, como quando indagados no processo de consolidação sobre a ausência dessas manifestações na cidade responderam que não teria alegria, nem existiria algo com que pudéssemos nos identificar como pernambucanos, assim como não teria “união” entre as pessoas da cidade. Os patrimônios e manifestações que os alunos destacaram foram aquelas que eles possuíam contato direto em seu dia-a-dia, como as festas de carnaval e São João, as rodas de capoeira, o maracatu que viam no Bairro do Recife Antigo, o coco de senzala que acontece na periferia onde mora um dos alunos que era praticante. O próprio colégio Ginásio Pernambucano foi apontado por eles como um patrimônio por

segundo eles ser uma construção antiga, partes específicas como umas das paredes originais presente na biblioteca da escola foi destacada por eles.

2.3. Oficina 2: Patrimônios Culturais da cidade do Recife

Na segunda oficina foi trabalhada a significação dos objetos culturais para a sociedade e a difusão da memória social através dos patrimônios culturais.

Para estimular o debate utilizamos objetos do próprio espaço escolar. A utilização de objetos presentes no meio escolar foi proposital, uma vez que as oficinas ocorreram num museu localizado no colégio Ginásio Pernambucano que trata-se da instituição de ensino mais antiga do país, como por exemplo, as escadarias do colégio, local de vivências entre os alunos. Deste modo utilizamos os bens da instituição dos quais toda a comunidade escolar compartilha para a conscientização dos estudantes sobre os conceitos e valores do Patrimônio Cultural para a sociedade ao mesmo tempo em que promovemos os bens culturais e a sua preservação pelas comunidades envolvidas com a escola. Através das atividades de análise do objeto familiar do aluno estimulam-se as capacidades críticas, intuitivas e investigativas dos estudantes, bem como reforça a importância dos bens culturais na continuidade das tradições e das memórias desta e todas as comunidades envolvidas com o colégio.

Desenvolvimento:

Sendo assim a atividade de *preparação* o professor apresentou a *Ficha de inventário do objeto* proposta pela cartilha do IPHAN e pediu aos alunos que mostrassem o registro do objeto escolhido por eles e que foi solicitado por ele na oficina anterior. O professor explicou aos alunos como preencher a ficha de acordo com as propriedades observadas nos objetos registrados pelos alunos.

No *tratamento didático* foi realizado pelos alunos com o auxílio do professor a análise do objeto e o preenchimento da *Ficha de inventário do objeto*.

Em seguida no procedimento de *consolidação* o professor realizou um diálogo com os alunos questionando-os sobre a importância desses objetos nas suas vidas, nesse diálogo o professor possibilitou também a realização de conexões dos valores afetivos desses objetos comuns com os valores dos patrimônios culturais como o pertencimento e a coletividade e ainda explanou sobre a contribuição de outros tipos de patrimônios (em particular os patrimônios arqueológicos e históricos) para estudos

e descobertas científicas sobre a origem dos homens no território brasileiro, a fim de abrir espaço para o tema da seguinte oficina.

Após o diálogo foi realizada a *aplicação* onde o professor distribuiu folhas de ofício para os alunos ilustrarem em desenho alguns objetos, lugares ou manifestações culturais da cidade do Recife que na opinião pessoal deles deveriam ser preservados.

Na avaliação desta oficina o professor julgou as ideias expressas nos diálogos, o preenchimento da ficha de inventário pelo aluno e as ilustrações dos objetos culturais realizados pelos alunos ao final dos procedimentos.

2.4. Oficina 3: O que é Pré-história?

Nesta oficina foram realizadas atividades que introduziram conteúdos sobre a Pré-história. Por meio da observação, análise e pesquisa das cerâmicas indígenas pré-históricas os alunos deduziram e descobriram sobre os meios de sobrevivência do homem na Pré-história. Deste modo as atividades desta oficina incentivaram as capacidades investigativas e dedutivas dos alunos através da prática de análise dos objetos arqueológicos em exposição no Museu LJB.

Desenvolvimento:

O professor iniciou a oficina com a *preparação* dos alunos falando um pouco dos objetos que serão encontrados no museu Louis Jacques Brunet. Foram apresentadas resumidamente as cerâmicas indígenas pré-históricas como patrimônios arqueológicos cujos vestígios deixados pelos antigos habitantes no território do estado de Pernambuco nos permitiram realizar a atividade da oficina de investigação do cotidiano do homem pré-histórico.

Ainda na *preparação* o professor apresentou as etapas da investigação que abrangem a análise por observação, o registro dos dados apreendidos na ficha de inventário e a pesquisa na biblioteca e instruiu os alunos de como deveriam ser realizadas cada uma delas.

Por fim do procedimento o professor informou aos alunos que aquela investigação respaldaria as atividades da próxima oficina, a fim de reforçar a concentração e o comprometimento no momento da coleta de dados.

O procedimento do *tratamento didático* ocorreu na exposição do Museu LJB, cada aluno se dirigiu a cerâmica escolhida e realizou as etapas da investigação utilizando

a *Ficha de inventário* do IPHAN para o registro dos dados coletados. Em seguida os alunos foram levados à biblioteca para realizarem a pesquisa em livros didáticos e em buscas na internet sobre o tema apontado pelo professor.

A *consolidação e aplicação* se deu no preenchimento da ficha e na busca e correção das informações deduzidas nos procedimentos do *tratamento didático*. A observação das peças cerâmicas levou os alunos a realizarem suposições sobre elas, permitindo ao aluno solucionar um problema real que era a sua “origem e função desconhecida”. Esse exercício impulsionou as habilidades cognitivas, no momento da pesquisa para a confirmação das tais teorias, na medida que acertavam, erravam ou descobriam novas coisas causava espanto e gerava interesse nos alunos.

2.5. Oficina 4: As técnicas de olaria indígenas

Esta oficina foi o momento da releitura do objeto estudado no museu de acordo com a estratégia de Educação Patrimonial de Maria Lourdes Parreira Horta (1999). Nesta oficina os procedimentos tiveram como objetivo consolidar os conteúdos apreendidos na oficina anterior, que tematizaram sobre a sobrevivência do homem na Pré-história.

A atividade realizada foi a modelagem de cerâmicas em argila e os temas abordados foram os meios de sobrevivência do homem na pré-história e as condições de produção de cerâmicas e suas diversas utilidades para o homem pré-histórico em seu cotidiano. Esta oficina explorou as capacidades dedutivas e imaginativas dos alunos, como também buscou despertar neles o instinto primitivo, assim criando uma empatia para com o homem pré-histórico em suas condições ambientais e de sobrevivência.

A escolha da modelagem sem instrução técnica dos alunos permitiu ao final da atividade perceber a disparidade existente entre as cerâmicas produzidas e as cerâmicas expostas assim destacando o problema que os impediu de alcançar a semelhança: a técnica de modelagem utilizada.

Desenvolvimento:

No procedimento de *preparação* dessa oficina o professor distribuiu as fichas de inventário preenchidas anteriormente para cada aluno e perguntou oralmente o que foi descoberto sobre o homem na Pré-história e as cerâmicas. Os alunos responderam e revisaram os dados encontrados e o professor listou algumas destas informações

no quadro branco. O professor apresentou a atividade que será efetuada, proferiu as instruções de como realizá-la e distribuiu o material que era necessário para a sua realização, como por exemplo, argila e outros objetos que auxiliam a modelagem. O professor explicou aos alunos que ao realizarem a modelagem da cerâmica em argila devem atribuí-la forma e utilidade conforme os dados coletados por eles na investigação.

Em seguida a modelagem intuitiva da argila foi efetuada integrando o procedimento de *consolidação* juntamente com a *aplicação* desta oficina e da anterior, isto por os alunos utilizarem as informações apreendidas na oficina anterior para a realização do exercício proposto e ao mesmo tempo completou-se o processo de fixação do conteúdo pelos alunos nessa atividade.

Na *avaliação* dos alunos nessa oficina é importante observar a coerência entre as formas da cerâmica e a utilidade que diz o aluno ter atribuído.

2.6. Oficina 5: O homem pré-histórico, rudimentar ou inovador?

Na quinta oficina foram propostas algumas atividades que tentaram desconstruir a imagem ignorante e rudimentar que é atribuída ao homem pré-histórico. Os temas abordados englobam a vida do homem na Pré-história e seus meios de sobrevivência e evidenciaram as capacidades de formulação de estratégias e o desenvolvimento de técnicas pelo homem para realizar suas atividades do cotidiano, tais atividades como a caça, a produção de cerâmica e seu uso na sobrevivência.

Partimos da problemática encontrada na oficina anterior, a falta do uso de uma técnica específica, para a desmistificação da idealização do homem pré-histórico através de atividades como a leitura de história em quadrinhos, exibição de vídeos e documentários sobre a vida na pré-história e questionários realizados antes e depois da vídeo-aula.

Desenvolvimento:

Inicialmente na *preparação* o professor apresentou aos alunos uma pequena história em quadrinhos que ilustrou uma situação do homem no seu dia a dia na Pré-história, a fim de despertar as concepções prévias dos alunos sobre o sujeito pré-histórico que foram em seguida descritas em folhas de papel ofício. O professor as recolheu, leu em voz alta e reservou para os próximos procedimentos.

No próximo procedimento o *tratamento didático* foi exibido um documentário da BBC: *Walking with the caverman* (2003) que ilustrou o homem em seu período de

evolução completa, as dificuldades e os meios como eram superadas por eles, em seguida dois vídeos de arqueologia experimental exibiram as técnicas de produção das cerâmicas indígenas pré-históricas para que os alunos conhecessem o modo de fazer correto das cerâmicas.

Em prosseguimento para a *consolidação* o professor questionou os alunos “*Com base na ilustração dos vídeos sobre a vida do homem pré-histórico, como você agora o idealiza?*”, o professor distribuiu as folhas em que cada um dos alunos escreveram na *preparação*, o alunos responderam a questão e no mesmo procedimento o professor iniciou uma roda de diálogos sobre as capacidades de raciocínio do homem pré-histórico, lembrou as peças produzidas na oficina anterior e perguntou aos alunos se eles acharam aquelas cerâmicas semelhantes às originais do museu e se “funcionariam” devidamente como planejado por eles.

Os alunos responderam que definitivamente eram diferentes e que aparentavam fragilidade, desta maneira não iria durar muito tempo se fossem usadas. O professor indagou novamente “o que houve de errado para que elas não se pareçam e nem funcionem?”.

Este foi um procedimento importante, pois foi o momento em que os alunos foram estimulados a raciocinar mediante as experiências recém vividas, como por exemplo ao assistirem a exibição de vídeos e documentários que apresentavam o nível de organização estratégica, técnicas e habilidade dos homens pré-históricos, foi justamente esse momento de descoberta do fator tecnológico na pré-história e a experiência má sucedida da modelagem das cerâmicas e o que levaram os alunos a deduzirem a problemática da situação das cerâmicas, deste modo os alunos após discussões chegaram a concluir que a técnica utilizada na modelagem teria sido o problema ocorrido.

Ao final da oficina a *aplicação* trouxe novamente a ficha de inventário do IPHAN como auxílio, porém, desta vez a ficha utilizada foi a *Ficha dos saberes*, onde foi possível registrar e analisar os diversos modos de fazer. O professor as distribuiu e solicitou aos alunos que preenchessem a ficha de acordo com a técnica vista nos vídeos, isto, com o propósito de que observassem atentamente cada procedimento da produção cerâmica, para que memorizar e reproduzir as técnicas na próxima oficina.

A avaliação que o professor realizou nesta oficina observou os conceitos prévios e os conceitos formalizados expressos pelos alunos na ficha, as respostas e ideias

expressas nos diálogos e discussões e por fim corrigiu o preenchimento das *Fichas dos saberes*.

2.7. Oficina 6: Utilizando a Técnica de olaria indígena

Nesta oficina ocorreu a 2ª modelagem de argila com instruções, o propósito foi trazer o aluno à realidade do homem pré-histórico, fazendo-os ir em busca de ferramentas adequadas e utilizando as técnicas reais de produção cerâmica. A contribuição dos alunos com a estruturação da oficina aumentou o comprometimento e envolvimento com a atividade. Foi proposto que assim como o homem pré-histórico buscou no seu habitat natural os elementos necessários para as suas produções culturais e sobrevivência o aluno também se colocou nestas circunstâncias, buscando as ferramentas para a realização da modelagem e utilizando as técnicas corretas de produção desta forma culminando no processo de empatia.

Os conceitos abordados foram as técnicas de produção cerâmica, a utilidade da cerâmica para o homem pré-histórico na sobrevivência, no sobrenatural e na comunicação.

Desenvolvimento:

O professor iniciou a oficina com a *preparação* dos alunos antes da atividade de modelagem, nesse procedimento todos revisaram o modo de fazer visto na oficina anterior, o professor questionou os alunos sobre o que lembravam e os alunos responderam, trocaram informações e listaram fazendo um pequeno resumo no quadro branco. O professor pediu para os alunos apresentar e reservar as ferramentas de auxílio que foram solicitadas na aula passada e em seguida explanou as últimas instruções aos alunos.

No procedimento de *aplicação* os alunos realizaram a modelagem da argila seguindo com base nas técnicas apreendidas e utilizando a *Ficha de saberes* onde elas foram registradas. O professor avaliou o desempenho dos alunos durante a prática observando a semelhança da técnica dos alunos com a técnica real, bem como avaliou o produto final que deveriam corresponder às formas e funções básicas de uma cerâmica indígena e pré-histórica.

2.8. Oficina do Produto final: A exposição das peças reproduzidas

A última oficina onde foi produzido o produto final buscou consolidar todo o conteúdo abordado durante todas as outras oficinas e aplicar atividades que estimulassem as capacidades comunicativas dos alunos, bem como finalizar a sistematização do conteúdo através de atividades que exigiam consciência do conteúdo.

Foram abordados assuntos como as capacidades de organização de estratégias e desenvolvimento tecnológico do homem pré-histórico, as utilidades na sobrevivência e funções culturais da cerâmica para os grupos humanos.

Desenvolvimento:

Para tanto os alunos ilustraram verbalmente apresentando o conteúdo apreendido para os demais integrantes da comunidade escolar do Ginásio Pernambucano.

No início da oficina o professor realizou o procedimento de *preparação* onde os alunos foram instruídos a construir uma pequena narrativa situada no período pré-histórico, contendo personagens e problemáticas que introduziam a cerâmica indígena pré-histórica como solução.

Após a ilustração foi realizado o procedimento do *tratamento didático* onde o professor solicitou aos alunos que se organizassem para a realização de uma “mini exposição” das peças produzidas por eles nas oficinas de modelagem, o professor determinou um tempo para tanto, separou os alunos em grupos e distribuiu textos curtos sobre as cerâmicas e as fichas de inventário do objeto onde foram registrados os dados das cerâmicas pelos alunos, os alunos conversaram entre si e listaram as informações mais relevantes, combinando o assunto que cada um melhor dominava. Desta forma foi feita a revisão e a seleção do conteúdo que cada um dos alunos explanariam aos visitantes e colegas de turma.

As peças foram expostas no salão de exposição do Museu Louis Jacques Brunet durante o período de intervalo do meio-dia, as peças foram posicionadas perto do armário das cerâmicas originais, para que os visitantes viessem também a visualizá-las. Alunos de outras turmas, coordenadores e alguns professores participaram da exposição como ouvintes.

Na *aplicação* dessa oficina os alunos realizaram a “monitoria” das peças aos visitantes, explanaram informações como, por exemplo, a utilização das cerâmicas na

Pré-história, destacaram a capacidade de produção tecnológica dos ancestrais, tentando desconstruir a imagem errônea do homem pré-histórico como um ser ignorante e explicaram o processo de produção de uma cerâmica indígena pré-histórica.

O professor em sua avaliação final levou em consideração as narrativas desenvolvidas pelos alunos que deveriam corresponder ao que foi proposto e o desempenho dos alunos na monitoria das peças, onde deveriam explicar corretamente as informações relacionadas às cerâmicas.

CAPÍTULO III ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS OFICINAS DE PRÉ-HISTÓRIA NO MUSEU LOUIS JACQUES BRUNET

3.1. Metodologia da análise de conteúdo

Dando continuidade aos propósitos didáticos deste trabalho, realizaremos neste capítulo uma análise qualitativa dos materiais obtidos durante a aplicação das oficinas.

O objetivo central da análise é observar os impactos e as potencialidades educativas das oficinas de Pré-história para o desenvolvimento de posturas críticas e ativas nos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes em um espaço não-formal.

Assim em nossa análise qualitativa queremos identificar quais os sentidos e valores os alunos desenvolveram e modificaram acerca das cerâmicas indígenas e suas relações com o homem pré-histórico após a aplicação das Oficinas de Pré-História no Museu Louis Jacques Brunet.

Para essa análise qualitativa escolhemos a metodologia da Análise de Conteúdo oferecida por Laurence Bardin (1977). Fizemos essa escolha por entender que ela se adequa ao tipo de material que coletamos durante as oficinas.

Análise de conteúdo segundo Bardin é um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que visa detectar através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição, indicadores, quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos: às condições de produção, condições de recepção de conteúdos ou sobre o conteúdo em si. Análise de conteúdo não se trata apenas de uma ferramenta, mas de um leque de possibilidades de análise que são adaptáveis ao vasto campo da linguagem. (BARDIN, 1977)

Este tipo de análise é geralmente aplicado em linguagens verbais, como textos e entrevistas, e não verbais também, como pinturas, imagens, comportamentos etc. Pode-se descobrir uma infinidade de coisas através dessas análises, mas isso depende do tipo de tratamento que o pesquisador irá submeter o documento. (BARDIN, 1977)

Portanto compreender e captar os sentidos que os alunos atribuíram às Cerâmicas indígenas pré-históricas da coleção do Museu Louis Jacques Brunet é o que nos interessa e a abordagem qualitativa se mostra pertinente para tanto. Foi possível chegarmos a esta conclusão após o levantamento do conjunto completo dos

documentos produzidos durante as oficinas e identificamos um material de natureza dissertativa, que nos apresenta opiniões diversas e valores construídos pelos envolvidos nas oficinas.

Esta análise é do tipo temática e frequencial. É temática porque descobrimos núcleos de sentidos que manifestam considerações dos alunos sobre a temática, neste caso, o recorte temático é a abordagem de contextos históricos e relações humanas onde o uso das cerâmicas indígenas se inserem. Análise é frequencial porque a apuração se utiliza das frequências de aparição de certos indicadores de sentidos nas afirmações produzidas pelos alunos, esta frequência indica quantos alunos corresponderam aos objetivos das oficinas e a partir disso determinaremos o impacto das estratégias pedagógicas naquele grupo. Nós utilizamos a lógica e a natureza de adjetivos para interpretar estes núcleos de sentido, bem como o conteúdo didático abordado nas oficinas para delimitar a coerência. Por escolher este tipo de análise nos debruçaremos estritamente no conteúdo expresso nos documentos da investigação.

Bardin (1977) nos sugere um caminho a ser seguido para realizar nossa análise qualitativa. Primeiramente delimitar o corpus da investigação é fundamental para criarmos as hipóteses que nos ajudam a apurar os impactos das oficinas.

Inicialmente foi definido o Corpus Documental da pesquisa seguindo alguns dos critérios oferecidos por Bardin (1977), são eles 1) *a homogeneidade* e 2) *a pertinência*.

Com base no primeiro critério, a homogeneidade, foi possível selecionar os materiais que possuíam uma temática em comum: aqueles que tratam especificamente das cerâmicas indígenas diretamente imbricadas nas relações socioculturais de grupos humanos na pré-história.

Ainda correspondendo ao primeiro critério, segundo Bardin, é necessário que todo o corpus da investigação tivesse sido produzido em condições em comum e por pessoas de um mesmo grupo, logo as fichas foram produzidas pelo grupo de alunos participantes do Clube de Patrimônio do EREM Ginásio Pernambucano.

Ou seja, o material utilizado como corpus documental dessa pesquisa foi produzido somente durante as oficinas, em atividades que todos participaram concomitantemente, nenhum material foi produzido individualmente ou adicionado posteriormente, mas produzidos em atividades coletivas.

Já o segundo critério, a pertinência, selecionou o material que possui dados relevantes para o alcance dos objetivos. Foram selecionadas fichas de análises e

atividades de idealização do homem na pré-história, onde os alunos demonstram suas perspectivas, citam deduções e apresentam resultados exploratórios acerca das práticas humanas relacionadas às cerâmicas indígenas.

Nas oficinas 3 e 4 foram produzidas As *Fichas de inventário da Cerâmica indígena*. Já na oficina 5 foram produzidas as *Fichas de inventário do Saber* e a Atividade de Idealização do homem pré-histórico, tanto a inicial quando a final.

Serão investigadas as seguintes produções dos alunos:

- a) *Fichas de inventário da Cerâmica Indígena* (Ficha Objeto) (Apêndice B),
- b) *Fichas de inventário do Saber* da Técnica de Olaria Indígena (Ficha Saber) (Apêndice C),
- c) Atividade de Idealização do homem pré-histórico (Inicial) (Apêndice D),
- d) Atividade e Idealização do Homem Pré-histórico (Final) (Apêndice E).

No decorrer da análise estes documentos estão identificados respectivamente das seguintes maneiras:

- a) Ficha Objeto 1, 2, 3, 4
- b) Ficha Saber 1, 2, 3, 4
- c) Ficha Idealização Inicial 1, 2, 3, 4, 5
- d) Ficha Idealização Final 1, 2, 3, 4, 5

Essa documentação foi produzida por um grupo de alunos com 6 integrantes. Nomeados: Aluno A, Aluno B, Aluno C, Aluno D, Aluno E, Aluno F.

Após a delimitação do corpus documentação realizamos a *leitura flutuante* sugerida por Bardin (1977), o contato inicial com a documentação, foi quando conhecemos seus aspectos e os deixamos nos levar para obter nossas impressões gerais. Partimos destas impressões para levantar nossas *hipóteses de trabalho*.

É importante ressaltar que estas são afirmações provisórias e se originam de intuições proporcionadas pela leitura flutuante e também dos objetivos didáticos pré-estabelecidos nas oficinas.

Essas hipóteses guiarão as investigações em direção do objetivo a todo o tempo e pretendemos comprová-las ou descartá-las ao final da apuração.

As hipóteses diretrizes deste estudo são as seguintes:

- I. As oficinas permitiram o desenvolvimento de um caráter investigativo nos alunos perante o objeto histórico;

- II. As oficinas permitiram aos alunos realizar deduções sobre as práticas e processos sociais relacionados ao uso das cerâmicas;
- III. As atividades provocaram mudanças nos conceitos sobre o homem pré-histórico;
- IV. As atividades permitiram aos alunos a construção de uma visão mais completa e complexa do ser humano e suas relações com os objetos da exposição do MLJB;

Após determinadas as hipóteses utilizamos estas para criar quatro Dimensões de análises (Apêndice A), cada uma detém as perspectivas de análise documental que ajuda a atestar cada uma das hipóteses.

Dimensão I Caráter investigativo,

Dimensão II Deduções sobre o uso das cerâmicas,

Dimensão III Conceitos sobre o homem pré-histórico,

Dimensão IV Concepção sobre as cerâmicas.

Em cada dimensão atribuímos conjuntos de *categorias* que organizam os sentidos. As categorias são classes sob um título genérico que agrupam um conjunto de núcleos que possuem um mesmo sentido e que apareceram com mais frequência nos enunciados. Elas permitem realizar discussões sobre os significados dos núcleos. (BARDIN, 1977) A categorização foi realizada a partir das leituras flutuantes, onde coletamos elementos (núcleos de sentidos neste caso) e em seguida agrupamos os de valor semântico correspondente em cada categoria, resultando em várias categorias de análise para cada umas das quatro dimensões e que serão explicadas no decorrer do capítulo.

Ressaltamos que entendemos *núcleos de sentido* como as palavras ou frases que expressam importâncias, valores e sentidos expresso pelos alunos no corpus documental. Para a extração de núcleos de sentidos foram definidas as unidades de registro do tipo frase. Todas as fichas apresentaram frases elaboradas que permitiram a codificação de seus sentidos, com exceção das fichas de Idealização do Homem pré-histórico, quando foi necessário definir palavras como unidade de registro por conta da disposição do conteúdo em listagem de adjetivos livres e sem frases elaboradas, mas que ainda sim carregam significação.

3.2. O Caráter Investigativo dos estudantes

A Dimensão I Caráter Investigativo abrange categorias que nos permite avaliar a frequência de codificações no material que indicam posturas investigativas dos alunos sobre as cerâmicas indígenas.

Tomamos como hipótese de nossa análise a ideia de que “As oficinas permitiram o desenvolvimento de um caráter investigativo nos alunos perante o objeto histórico”.

Para isso Consideramos três níveis de classificação de conceptualização das cerâmicas, são eles:

Nível Rudimentar. Aqui se classificam os núcleos de sentidos que indicam nomenclaturas básicas dos objetos com base na aparência, mas sem comparações ou deduções acerca do seu uso, as definições aparecem como palavras isoladas.

Nível Elaborado. Neste nível se enquadram os núcleos de sentido onde os alunos oferecem uma conceituação mais específica sobre o objeto, com nomenclaturas mais adequadas e atribuições de utilidade a partir das características físicas do objeto, realizando comparações com objetos utilizados nos seus cotidianos.

Nível Contextualizado. Neste nível são considerados os núcleos de sentido que caracterizam as cerâmicas dentro do seu contexto histórico. Onde elas são definidas como ferramentas de sobrevivência para os grupos humanos ou manifestações religiosas, portanto este nível abrange a frequência dos sentidos que integram aspectos específicos das cerâmicas como fragmentos reveladores da história humana.

O total do corpus documental para análise da dimensão I é composto por quatro *Fichas de inventário da Cerâmica Indígena*. Cada uma produzida individualmente por integrantes de um grupo de quatro alunos. Aqui a porcentagem trabalha com o total de quatro alunos.

Nessa documentação vimos que 2 alunos apresentam sua contextualização em Nível elaborado (50%). Já um apresenta uma contextualização rudimentar (25%) e outro aluno em nível contextualizado (25%)

Esses dados nos mostram que o Nível Elaborado foi mais frequente nas fichas de inventário da cerâmica indígena. O Nível rudimentar se apresentou mais baixo igualmente ao Nível contextualizado. Isto revela que apenas um aluno do grupo sabia quase nada. Ao mesmo tempo outro aluno detinha conhecimentos complexos sobre a historicidade das cerâmicas na etapa inicial das oficinas.

Os núcleos de sentidos multiplicam-se quando se trata de afirmações básicas e comparativas, baseadas nos conhecimentos intuitivos e empíricos. Vejamos abaixo alguns núcleos de sentidos como exemplo de cada nível:

Aqui temos o exemplo do uso de Nível Rudimentar:

“Cerâmicas/Jarro” (Aluno A, Ficha Objeto 1)

Neste primeiro núcleo a síntese do aluno indica uma concepção básica, que restringe a definição do objeto à sua aparência e deixa de lado até mesmo possibilidades de descrições de utilidade, ainda que as *Fichas de inventário* estivessem indagando diretamente sobre seus usos.

Já em Nível elaborado encontramos definições mais recorrentes como o exemplo do Aluno 5, que atribuiu um fim ao objeto:

“**Se parece** muito com um jarro e **serve para** armazenar água ou comida”
(Aluno B, Ficha do Objeto 2)

O aluno ao utilizar “Se parece” indica sentido de comparação, pois busca fora daquele objeto uma conceituação em outros objetos de aparência semelhante e que são de seu conhecimento, logo em seguida em “serve para” ele atribui um fim ao objeto e conclui sua dedução.

Exemplo de núcleo de sentidos em termos de Nível contextualizado:

“É uma **urna** utilizada para **guardar os ossos depois que mortos**” (Aluno C, Ficha Objeto 3)

Esta última frase nos mostra que o contexto histórico das cerâmicas não era de total desconhecimento dos estudantes participantes devido a especificidade da nomenclatura “urna” e a utilidade atribuída “guardar ossos depois que mortos”.

Observe que o aluno utiliza “...depois que mortos.” Essa expressão lembra a prática de sepultamento secundário, onde os ossos de falecidos eram desenterrados após algum tempo e em seguida postos em urnas funerárias e enfim enterradas novamente, naturalmente o aluno poderia ter utilizado “cerâmicas/jarro” ou “quando morriam” que indicaria uma ação imediata após o falecimento do sujeito, logo

sugerimos que este núcleo de sentido pode indicar que este aluno foi atingido por ações educativas promovidas anteriormente às nossas oficinas.

Encontramos outros núcleos de sentido, que apesar de terem baixa frequência de aparição, se mostraram interessantes para serem demonstrados aqui, se observa nelas deduções e comparações, o aluno destaca aspectos que diferenciam a cerâmica escolhida das demais.

Se expressa nos seguintes núcleos de sentido:

Observando o jarro de cerâmica podemos ver **em comparação ao outro jarro**, possui **uma alça que deveria servir para ajudar em seu transporte**. (Aluno D, Ficha Objeto 4)

Aqui é possível observar que o aluno realizou o exercício de comparação das características das peças em exposição, além disso, nestes núcleos está presente uma dedução sobre seu uso respaldada no formato que a sua cerâmica detinha, apenas um dos alunos apresentou dedução de tal natureza.

Já as problematizações, metade dos alunos participantes (dois alunos) as realizaram durante a observação inicial. Essas problematizações se expressam nos núcleos de sentido seguintes:

Antigamente ele (objeto cerâmico) era usado para o armazenamento de comida e água e **hoje está em exposição**. (Aluno B, Ficha Objeto 2)

E também:

Era um objeto utilizado para reservar comida ou água. **E agora é utilizado** para exposição **para comparar a época** de antigamente com a época de hoje. " (Aluno D, Ficha Objeto 4)

Outras problematizações foram produzidas pelos aluno, mas não foram levadas em conta para a porcentagem desta categoria, pois foram realizadas fora da atividade inicial de observação, mas que serão levantadas no decorrer da análise.

Assim, observando os núcleos de sentido produzidos pelos estudantes vemos que, de modo geral **as oficinas permitiram o desenvolvimento de um caráter investigativo nos alunos perante o objeto histórico**. Tal como previa nossa primeira hipótese.

3.3. Deduções sobre práticas associadas às cerâmicas

Nesta Dimensão II a apuração está voltada para a presença de deduções acerca das práticas básicas das cerâmicas inseridas no cotidiano do homem pré-histórico.

Realizamos o levantamento de núcleos de sentido que comprovam o entendimento de usos básicos das cerâmicas. Estes foram categorizados em:

“Utilidade primária”, são os núcleos de sentido que fazem referência ao uso das cerâmicas para o armazenamento de alimentos e água,

“Utilidade secundária”, são os núcleos de sentido na qual vemos a associação às práticas religiosas de sepultamento indígena.

“Utilidade Terciária” na qual agrupamos os núcleos de sentido que consideram a sua função de vestígio arqueológico da cerâmica em exposição no museu.

Através destas três categorias é possível identificar à qual universo o aluno associa as cerâmicas: “meio doméstico”, “meio religioso” ou “meio científico”.

O total do corpus documental da Dimensão II é composto por oito fichas, das quais quatro são *Fichas de inventário da Cerâmica Indígena* e quatro *Fichas de inventário do Saber da Técnica de Olaria Indígena*. A porcentagem trabalha em cima do total de alunos que participaram da produção dessas fichas, ou seja, 4 alunos.

A análise do corpus documental mostra as frequências:

- Atribuição de Utilidade primária (50%) 2 alunos
- Atribuição de Utilidade Secundária (25%) 1 aluno
- Atribuição de Utilidade terciária (25%) 1 aluno*
- Ausência de atribuição de utilidade específica (25%) 1 aluno.

Um núcleo de sentido referente a Utilidade primária é:

É um objeto que foi construído para **colocar comida** ou outras coisas (Aluno D, Ficha Objeto 4)

Neste núcleo de sentido o Aluno D associa a função da cerâmica em exposição ao armazenamento de comida.

Um núcleo de sentido referente a Utilidade secundária é:

Nos períodos dos nossos antepassados foram muito utilizadas (as cerâmicas) **para guardar ossos** (Aluno C, Ficha Objeto 3)

Nessa frase do aluno vemos claramente a associação do objeto cerâmico exposto no MLJB ao sepultamento.

Um núcleo de sentido referente a Utilidade terciária é:

E agora ele é (o objeto, cerâmica) utilizado **para exposição para comparar a época** de antigamente com a época de hoje. É de grande importante (importância) para a exposição (Aluno D, Ficha Objeto 4)

Este último núcleo nos mostra que o Aluno D trouxe à tona a característica transformadora do objeto “musealizado” que, ao entrar no museu ele abandona suas funções primárias de uso cotidiano e adquire novos valores (RAMOS, 2004). Isso nos mostra um olhar desnaturalizado deste aluno sobre aquelas cerâmicas indígenas, um olhar que as transforma de uma simples cerâmica de uso cotidiano em um objeto revestido de outros significados, o Aluno D percebe os objetos da exposição como conexões do passado com o presente, são para ele vestígios da vida humana e que seu estudo permite comparar os modos de vida humana de antes com os de agora.

A maioria das atribuições (2 alunos, 50%) coincidiram com a utilidade primária de armazenamento de suprimentos. Diante disso consideramos que os alunos ao descobrirem a cerâmica as localizaram no meio doméstico, ao menos nestas atividades iniciais de observação.

Em segundo lugar as cerâmicas foram associadas ao meio religioso e científico com 25% cada uma, mas essas três categorias de utilidade não foram consideradas excludentes, pois, várias utilidades foram citadas por um mesmo aluno. Observamos nesta atividade que 3 alunos (75%) atribuíram mais de uma utilidade às cerâmicas ao mesmo tempo. Esta frequência de dupla atribuição demonstra uma visão ampla que a maioria dos alunos lançaram sobre às práticas sociais intrínsecas às cerâmicas. Entendemos isto como uma demonstração de percepção da complexidade das relações humanas com estes objetos, que para os alunos, não se restringiu a uma prática.

Por outro lado, um aluno (25%) não apresentou a presença de qualquer utilidade específica, nas suas fichas havia ausência de núcleos de sentido no mínimo coerentes.

Diante dessas frequências consideramos que as utilidades práticas das cerâmicas para os povos ancestrais são de entendimento geral dos alunos participantes da observação.

Prossigamos à próxima categoria da Dimensão II que nos revela se os alunos conseguiram identificar mudanças em práticas relacionadas às cerâmicas. Esta categoria pode sugerir se esses alunos perceberam ou não estes usos como costumes que se transformam no decorrer do tempo.

A apuração das fichas nos revela as seguintes frequências:

— Percebeu mudanças nos modos de utilização da cerâmica durante História (50%) 2 alunos

— Não percebeu mudanças nos modos de utilização da cerâmica durante História (50%) 2 aluno

Os núcleos de sentido coletados que demonstram a percepção da transformação das relações humanas com as cerâmicas são:

Antes eram usados para coisas simples, **mas ao longo** (do tempo) foram **existindo outras técnicas e modelagens** e atualmente são usados para coisas boas e legais como **jarro de planta, jarra** etc. (Aluno B, Ficha Objeto 2)

Antes eram usadas por participantes da comunidade para guardar ossos mas **de uns tempos pra cá** foi utilizada para estocar água. (Aluno C, Ficha Objeto 3)

Em ambos os núcleos de sentidos os alunos afirmam que as cerâmicas existem na atualidade, entretanto, em outros formatos e com usos diferentes daqueles do passado.

Observamos que a cerâmica é apresentada como um objeto que desafia o esquecimento que o tempo poderia trazer às suas práticas, mas que ainda sim foram afetadas pelas mudanças das necessidades humanas que por sua vez provocam o surgimento de “outras técnicas e modelagens” como o Aluno B citou no exemplo anterior.

Observemos o núcleo de sentido a seguir:

Antigamente as **mulheres eram mais usuárias** dessa técnica (prática de olaria), mas **hoje em dia** homens também praticam (Aluno F, Ficha Saber 5)

Nesse núcleo de sentido percebemos que o Aluno F destaca uma particularidade nos processos de produção das cerâmicas: quando somente as mulheres produziam as peças cerâmicas entre os demais integrantes de grupos humanos.

Interpretamos que esse apontamento significa um fator de estranhamento para o Aluno F pois logo em seguida ele mostra uma mudança que rompe com essa exclusividade feminina da manufatura da cerâmica: “mas hoje em dia homens também praticam. ” Consideramos este contraponto uma maneira de problematizar as condições de produção das cerâmicas. Além disso, neste núcleo de sentido, o aluno percebe a olaria como uma prática presente na sua realidade contemporânea pois utiliza a expressão “hoje em dia.” Desta forma evidencia que percebeu que essa prática se modificou durante a história.

Enfim consideramos que diante dos núcleos de sentidos encontrados nesta categoria metade dos alunos (2 de 4 participantes) percebeu a cerâmica como um objeto que acompanha as transformações humanas, se ajustando e se configurando aos propósitos e valores diversos ligados a ela, excluindo a possibilidade de que a percebem como um objeto estático no tempo e de uso ultrapassado. Além disso entendemos que diante das análises desta Dimensão II nossa segunda hipótese de que as oficinas permitiram aos alunos realizar deduções sobre as práticas e processos sociais relacionados ao uso das cerâmicas foi comprovada.

3.4. Idealizações sobre o Homem Pré-histórico

A fim de perceber como é composta a visão do aluno acerca dos atores sociais envolvidos com as cerâmicas inserimos nesta III Dimensão os índices que apontam para as concepções de homem ancestral.

Discutiremos aqui a presença de caracterizações desses ancestrais como indígenas, a consideração deste indígena como sujeito produtor das primeiras formas de tecnologias e o responsável por transmitir tais saberes.

No corpus documental, composto por cinco *Fichas de Inventário do Saber*, cinco fichas de Atividade de Idealização Inicial de homem pré-histórico, e cinco fichas de Atividade de Idealização Final de Homem Pré-histórico. O total das porcentagens trabalha em cima de cinco alunos.

Detectamos que 2 alunos produziram núcleos de sentidos que consideram a técnica de olaria um saber praticado pelos índios.

A seguir os núcleos de sentido que expressam esta ideia:

Pelos meados dos 19, 18 **eram fabricados por índias** brasileiras na pré-história (Aluno C, Ficha Saber 3)

[...] Pessoas envolvidas com a técnica: os homens pré-históricos, **os indígenas** [...] (Aluno B, Ficha Saber 2)

No primeiro núcleo de sentido o Aluno C considera que as indígenas brasileiras eram as responsáveis por produzir as cerâmicas. Porém, com o equívoco de considerar que os séculos XIX e XVIII é a Pré-História, o que aponta que o Aluno C tem dificuldade em realizar marcações do tempo histórico.

No segundo exemplo o Aluno B considera os homens pré-históricos como sendo os nossos indígenas do período pré-histórico.

Ou seja, em ambos os casos os alunos que consideraram a cerâmica como uma produção indígena e associaram os indígenas às populações pré-históricas. Essa associação, que faz parte do senso comum da sociedade, não foi rompida pelos alunos da oficina.

Este resultado nos faz perceber que as abordagens sobre o recorte temporal e a origem indígena das cerâmicas passaram de maneira generalizada pelos alunos. Esse ponto é relevante e deve ser considerado no aprimoramento das estratégias de ensino nas próximas edições da oficina.

Em prosseguimento com as categorias desta Dimensão III observamos de que maneira foi elaborada o arquétipo dos homens pré-históricos. Se os alunos consideraram as capacidades criativas, organizacionais e estratégicas, por exemplo.

A partir da leitura flutuante identificamos tais aspectos e codificamos três categorias não-excludentes, ou seja, os alunos atribuíram várias características que se distribuem em duas ou mais categorias (razão pela qual a soma do total das porcentagens ultrapassa 100%). São elas: Aspectos Humanísticos Positivos (H+), Aspectos Humanísticos Negativos (H-) e Aspectos Animalescos (A).

Aspectos Humanísticos Positivos agrupam características que sugerem hábitos e personalidades ligadas as feições humanas positivas, como a presença de coerência e organização em comunidades, a necessidade e capacidade de socialização, são

também destaques dados às estratégias de ataques e caça, atribuições de senso artístico por meio de uma relação das expressões humanas com as pinturas rupestres, destaques dados ao lado subjetivo do homem quando falam de imaginação e sentimentalismo.

Aspectos Humanísticos Negativos abrangem particularidades danosas e perversas do ser humano, estão presentes características como burros, libidinosos, feios, vingativos, solitários, machistas, mulherengos, sentidos que indicam uma perturbação mental, irritados, medrosos, egoísmo e violência.

Enfim os Aspectos Animaescos, que grupam codificações que figuram o ser humano ancestral como uma criatura selvagem e irracional, hábitos alimentares do tipo carnívoro e ou necrófago, aspectos de descontrole como agressividade, irracionalidade, brutalidade.

A análise dessas categorias debruça-se sobre unidades de registro do tipo palavras e frases. Os resultados indicam como o aluno no início das oficinas classificou o arquétipo do homem pré-histórico como:

- 5 Alunos (100%) associavam os humanos pré-históricos com características animais;

- 4 Alunos (80%) associavam os humanos pré-histórico com características humanas negativas;

- 3 Alunos (60%) associavam os humanos pré-histórico com características humanas positivas.

Exemplo de núcleos de sentido com características animais são:

(A) Não tinham **pensamentos**, eram **violentos**, tinham **medo da luz** do sol
(Aluno C, Ficha Idealização Inicial 3)

Nos exemplos (A) o Aluno C indica a ausência de racionalidade nos homens pré-históricos e descontrole dos instintos.

Exemplo de núcleos de sentidos que associam com características humanas negativas são:

(H-) Tinham **medo de sair** das cavernas. (Aluno C, Ficha idealização 3)

e em (H-) o medo do mundo exterior como animais noturnos ou criaturas vulneráveis.

Exemplo de núcleos de sentidos que associam com características humanas positivas são:

(H+) **Achavam a sombra** como se fosse **um deus** para eles (Aluno C, Ficha Idealização Inicial 3)

Em (H+) O núcleo de sentido apresentado expressa a ideia de um mundo abstrato e ou plano sobrenatural, o que nos leva a pensar que o Aluno C aponta para as capacidades imaginativas dos ancestrais.

Foi percebida a presença de Núcleos de Sentidos Animalescos em 100% das **perspectivas iniciais** sobre o homem pré-histórico. Isso mostra que todos os alunos participantes da atividade percebiam os ancestrais como animais em seu estado natural.

Porém as perspectivas não se resumem a esse valor, pois como é percebido na soma das porcentagens das três categorias, elas não são excludentes e ultrapassam os 100%, assim como nos exemplos anteriores, percebemos que o Aluno C atribuiu os três tipos de caracterização. Todos os alunos atribuíram mais de um tipo de característica, considerando simultaneamente a existência de um lado humanístico também, seja negativo ou positivo.

A leitura realizada nos documentos produzidos pelos alunos após a realização das atividades da Oficina 5 apresentaram uma modificação significativa das perspectivas, pois nesse segundo momento os 5 alunos envolvidos produziram núcleos de sentido classificáveis como humanista positivo.

- Classificação Humanística Positiva (100%)
- Classificação Humanística negativa (0%)
- Animalesco (0%)

Vejamos abaixo alguns núcleos de sentidos que expressam estes resultados:

(H+) [...] Faziam os “bagulhos” (atividades cotidianas) tudo **em grupo**, tinham uma **ideologia diferente, dividiam seus trabalhos** na “suavidade” [...] e com o **desenvolvimento da humanidade** foram ficando mais **inteligentes**. (Aluno E, Ficha idealização final 4)

(H+) Observei que nas **evoluções** do (homem) pré-histórico que eles viraram **mais humanos**, deixaram de ser mais **bichos** e começaram a ter **sentimentos, mais amor**. [...] o **relacionamento com seus companheiros** melhorou bastante (Aluno F, Ficha idealização final 5)

Observamos que, neste segundo momento, após as atividades da oficina, há ausência de Núcleos de Sentindo Animalesco de toda documentação avaliada. Nos núcleos do Aluno E e Aluno F se sobressaem afirmações que apontam para uma “evolução” da mente e dos sentimentos humanos.

Em todas as fichas foram encontrados núcleos de sentidos que sugerem a presença de organização e coerência sociocultural. Nos exemplos a cima vemos o trecho “tinham uma ideologia diferente.”, o que nos levou a interpretar que a afirmação se refere ao sistema social de grupos humanos ancestrais que “dividiam seus trabalhos na suavidade.”. Para nossa interpretação o aluno está sugerindo que os homens se organizavam em comunidades mais igualitárias sem estratificação social.

Diante dessas análises acreditamos que as atividades desenvolvidas nas oficinas ajudaram aos alunos a entender um lado mais subjetivo da vida humana em épocas remotas, os alunos modificaram a visão inicial de criatura “animalesca” para um sujeito possuidor de humanidade, comprovando assim a nossa terceira hipótese: as atividades permitiram identificar as mudanças nos conceitos sobre o homem pré-histórico.

3.5. Concepção dos alunos sobre as cerâmicas

Esta Dimensão IV está baseada no conceito de Francisco Régis Lopes Ramos (2004), o “objeto musealizado”:

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses. (RAMOS, 2004, p. 17)

Desta maneira, o que nos interessa é perceber qual valor cultural foi atribuído pelos alunos ao objeto. Levando em consideração que este objeto foi retirado do seu cotidiano, privado de seus propósitos primeiros e inserido num ambiente formalizado, tendo sua funcionalidade trocada para vestígio científico, que pode representar

variadas realidades, mas, dependendo das interpretações dos estudos que se fazem sobre ele.

O corpus documental desta dimensão é composto por cinco Fichas de Inventário do Saber, cinco Atividades de Idealização do Homem Pré-histórico realizadas no início das oficinas, cinco atividades de idealização do Homem Pré-histórico realizadas ao final da oficina de número 5. A porcentagem total é a quantidade de alunos participantes: cinco alunos.

A partir da leitura flutuante foi possível montar algumas categorias e percebemos que a documentação analisada corresponde aos seguintes valores:

- Patrimônio histórico narrativo, (40%) 2 alunos
- Objeto de valor científico (20%) 1 aluno*
- Não atribuiu valor específico (60%) 3 Alunos

No primeiro núcleo de sentido a seguir foram atribuídas duas categorias pelo mesmo aluno, já no segundo núcleo o Aluno A considera o valor de patrimônio:

Significa a **História da humanidade**. Muito **usado na arqueologia** (Aluno B, Ficha Saber 2)

É um Patrimônio Histórico. (Aluno A, Ficha Saber 1)

Entendemos que a maioria dos alunos (3 alunos) deixaram de atribuir os sentidos esperados ou que não realizaram qualquer reflexão sobre os propósitos históricos da exposição das cerâmicas, porém podemos ver no núcleo do Aluno B apresentado a cima, que dois alunos atribuíram valores de importância científica e histórica à missão atual da cerâmica, levando em conta o seu tempo e o espaço em que ela está inserida.

Ainda na Dimensão IV busca-se observar se o uso da cerâmica foi determinado como fundamental para a prosperidade da vida humana. Para definir essa categoria selecionamos os fatores evolutivos que foram abordados nas oficinas: estratégias de caça, o desenvolvimento das técnicas de olaria, desenvolvimento da agricultura, sedentarismo e da imaginação, este último está associado a capacidade de projeção de situações que ainda venham a acontecer, isto é, a realização de planejamentos para o futuro, e também a concepção de um plano espiritual no cotidiano dos homens ancestrais

Constatamos que nenhum dos alunos participantes consideraram o uso das cerâmicas importante para o avanço da humanidade. Apesar disso, 2 alunos

apontaram o desenvolvimento cognitivo/imaginativo como principal impulsionador dos avanços humanos:

[...] e a partir do momento que ele (o homem) **começa a imaginar**, eles **fazem as coisas acontecerem** (Aluno B, Ficha idealização Final 2)

Embora os alunos não tenham considerado a cerâmica de vital importância para os avanços humanos, outros núcleos de sentido indicam que ao menos eles construíram uma perspectiva mais complexa dos significados deste objeto para o homem, observe os núcleos de sentidos presentes abaixo:

Para os humanos tem o significado do **artesanato**, **para os indígenas** eram usados para **guardar comidas e bebidas** e na **pré-história também** mas eram usados mais **para o sepultamento**, ou seja, **urna funerária** (Aluno B, Ficha Saber 2)

Neste conjunto de núcleos, escrito pelo mesmo Aluno B, é possível observar que ele determina que a cerâmica é um objeto polivalente. Ele percebe que uma mesma cerâmica pode ter vários usos e significados atribuídos e que estes mudam de acordo com as necessidades dos diferentes atores sociais pertencentes a épocas diferentes.

Diante disso consideramos que os alunos em sua maioria construíram uma visão mais complexa sobre o ser humano e suas relações com as cerâmicas indígenas pré-históricas, desta maneira podemos afirmar que a hipótese IV foi comprovada.

3.6 Impacto das oficinas nas concepções dos alunos sobre a Pré-história

As análises que se prosseguiram demonstraram aspectos relevantes para compreendermos os impactos das oficinas na construção de novos conhecimentos pelos participantes.

Diferente dos resultados esperados: alunos com nenhuma concepção acerca das cerâmicas, a análise da Dimensão I apontou para uma outra direção. Em sua maioria os alunos já tinham conhecimento das peças em exposição, o que se deve ao fato de que os alunos já tiveram contato com a exposição do Museu Louis Jacques Brunet durante as horas vagas ou participaram da semana de abertura do Museu antes das aplicações das oficinas. Porém a porcentagem de alunos que

demonstraram conhecimento não era o suficiente para alcançar o todo e ainda as concepções apresentadas inicialmente eram bastante embrionárias e intuitivas sobre o contexto histórico das cerâmicas indígenas, concepções estas, que as definiam como objetos restringidos as suas funções práticas cotidianas. De todo modo, estes conhecimentos prévios mostraram-se completamente relevantes no decorrer das oficinas, pois, ofereceram um ponto de partida para que os alunos pudessem descobrir ainda mais sobre as cerâmicas, facilitando a aplicação de estratégias participativas das oficinas para a construção de saberes, agora pela maioria dos participantes na medida do possível, e ao fim a construção de visões mais plurais sobre as cerâmicas.

Percebemos também que a presença de afirmações dedutivas não se restringiu às Dimensões I e II, mas ocorreu em todas as demais Dimensões, um resultado considerado natural, uma vez que os procedimentos adotados em todas as atividades estavam relacionados à pesquisa e observação das cerâmicas, das técnicas e dos comportamentos humanos abordados através de filmes e documentários, a partir disto entendemos que as hipóteses I) As oficinas permitiram o desenvolvimento de um caráter investigativo nos alunos perante o objeto histórico foi comprovada na análise; e II) As oficinas permitiram aos alunos realizar deduções sobre as práticas e processos sociais relacionados ao uso das cerâmicas também foi comprovada durante a análise qualitativa.

As problematizações levantadas pelos alunos foi outro índice de destaque, pois revela, mesmo que de uma parcela pequena do grupo, a provocação de um olhar desnaturalizado e consciente das funções das cerâmicas indígenas musealizadas e ainda das transformações e continuidades das práticas sociais intrínsecas a elas, por exemplo quando alguns os alunos apontaram mudanças das formas de produção das cerâmicas.

Outros conceitos interessantes foram captados pelas dimensões, como o “objeto polivalente”, núcleos de sentidos que demonstraram que os alunos perceberam que as cerâmicas detinham valores diferentes a depender do ator social que a possui, além disso foram notados aspectos que caracterizam uma transcendência presente nas cerâmicas, porém expressam nos núcleos de sentidos que conotam o valor de continuidade das práticas de uso e produção das cerâmicas, logo entendemos que a cerâmica como objeto físico em si não é tão importante e capaz de resistir às eras quanto as relações sociais, culturais, históricas e humanas

que se fazem com ela, que são estas relações que perpetuam e transformam as cerâmicas, e ainda impedem que elas se mantenham em condições estáticas e de uso ultrapassado.

À vista dessas interpretações e considerações determinamos que nossas terceira e quarta hipóteses: III) As atividades permitiram identificar as mudanças nos conceitos sobre o homem pré-histórico; IV) As atividades permitiram aos alunos a construção de uma visão mais completa e complexa do ser humano e suas relações com os objetos da exposição do MLJB; são factuais.

Diante dessas análises e interpretações consideramos que os alunos mostraram através de suas afirmações a transformação de suas concepções rasas em percepções variadas, complexas e mais aprofundadas.

CONCLUSÃO

Como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, Funari (2006) apontou que as propriedades e os usos atribuídos aos Patrimônios Culturais acompanharam as mudanças das necessidades humanas de cada época. Nos dias de hoje nos interessa a propriedade de mediação que o patrimônio cultural é capaz de realizar entre as subjetividades humanas do passado e atores sociais do presente.

Mostramos como o patrimônio está também para a formação da identidade de sujeitos participantes de um grupo social (HALL, 1999). Vimos que isto assegura a memória coletiva que é capaz de reafirmar trajetórias de vida de grupos étnicos e culturais, permitindo, não só perpetuar, mas também transformar os valores daquele grupo através das interpretações de cada uma das gerações seguintes.

Como foi sugerido por Reginaldo S. Gonçalves (2003), nós também entendemos o patrimônio cultural como produto ativo das relações humanas, mas não nunca está acabado, está sempre em ressignificação.

Apresentamos a metodologia da Educação Patrimonial oferecida por Maria de Lourdes Parreiras Horta (1999) como um desses usos que fazemos do Patrimônio Cultural, que se manifestou na instrumentalização do objeto como fonte primária de conhecimento durante as oficinas.

Em nosso segundo capítulo mostramos como foi posta em prática a Educação Patrimonial nos espaços educativos do Museu Louis Jacques Brunet. Construímos práticas educativas que buscaram inserir os patrimônios de maneira dinâmica na aprendizagem com o propósito de retirar os objetos da narrativa estática e fazer com que os alunos fossem capazes de decodificar os sentidos atribuídos àqueles objetos, relacioná-los aos fenômenos humanos e por fim criar outros valores em cima do que foi descoberto.

Foi desta maneira que o conjunto de sete oficinas trabalhou para efetivar o papel do patrimônio histórico no espaço do Museu Louis Jacques Brunet, tirando-o de seu papel de “amostra do passado”, e o inserindo em possibilidades de construção da memória pelos sujeitos do presente.

As práticas aqui apresentadas não se limitaram à produção de narrativas da pré-história do Nordeste, mas também edificaram os próprios alunos, que desenvolveram suas percepções e ideias relacionadas ao patrimônio, o percebendo como vestígios modificando seu olhar sobre aqueles objetos, desta maneira, as

oficinas proporcionaram em certa medida o aprimoramento humano daquelas pessoas.

É possível concluir mediante, a análise qualitativa realizada no capítulo 3, que as oficinas de Pré-história no Museu LJB contribuíram para a construção de concepções mais amplas sobre as relações dos humanos com as cerâmicas indígenas pré-históricas. Tudo em função de métodos da Educação Patrimonial oferecida por Maria Lourdes Parreira Horta (1999).

Dentro desses processos educativos os alunos demonstram a compreensão da importância da cultura material na descoberta da vida humana em épocas remotas, utilizando de habilidades investigativas e da sua curiosidade instigada pela descoberta da complexidade humana. Desta maneira consideramos que as oficinas permitiram um espaço de atuação para os alunos ressignificarem elementos culturais pertencentes à comunidade escolar do Ginásio Pernambucano.

Sem dúvida a análise qualitativa trouxe à tona resultados que apontaram para a transformação de concepções e valores que os alunos atribuíram às cerâmicas, a análise se mostrou uma prática relevante para este trabalho, uma vez que permitiu inferir se as estratégias de ensino desenvolvidas foram bem recebidas e se ajudaram no desenvolvimento das habilidades esperadas pelo currículo escolar. Os alunos foram estimulados a tomar uma perspectiva diferente dos lugares e objetos da escola, passando a enxergá-los como locais de produção de memórias afetivas também, assim as oficinas incentivaram os alunos a preservar e valorizar sua cultura e o espaço escolar.

Além disso, essas oficinas ao serem desenvolvidas comprovaram seu impacto positivo visto que os alunos se tornaram verdadeiros investigadores das cerâmicas indígenas pré-históricas. Criaram deduções se aproximando muito da realidade das cerâmicas. Igualmente a prática da reprodução das cerâmicas e todos os outros procedimentos mostraram-se estratégias excelentes ao permitir a utilização do sentido do tato e o raciocínio, provocando o interesse nos alunos em participarem e a se empenharem para fazer semelhante às peças do museu, retirando os alunos da posição passiva para uma postura mais ativa nos processos de ensino-aprendizagem que ocorrem no espaço educativo do Museu Louis Jacques Brunet.

É importante ressaltarmos a relevância deste trabalho de construção, aplicação e análise de oficinas educativas. Pois, é neste momento que nós pesquisadores lançamos luz sobre quais os tipos de frutos que uma estratégia pedagógica pode

oferecer para a sociedade. Neste caso, consideramos que nossos frutos se delimitam desta maneira: começam no processo participativo de construção de conhecimentos, vai até quando os alunos estabelecem uma visão mais completa e complexa do ser humano e suas relações com os objetos. Porém, para além disso, continuam na medida em que esses sentidos críticos são levados para a vida dos alunos e são utilizados para perceber o mundo de uma maneira menos simplista e preconceituosa. Logo, em nosso projeto nosso foco nunca esteve somente no resultado final, mas no decorrer dos processos de ensino-aprendizagem.

A memória que se constrói nesses tipos de relações pedagógicas com o patrimônio, vem carregada de ganhos para a sociedade em geral. O ser humano é um animal coletivo que tem a necessidade de se sentir parte de um todo, de criar laços com seus semelhantes. Investir na manutenção de uma memória coletiva é também trabalhar a identidade individual, porque esses extremos estão entrelaçados. Em uma era de avanços tecnológicos, que exalta a individualidade e que a todo instante descarta as antigas maneiras de se viver, as superando com o novo, é preciso sempre olhar para trás para reconhecer os caminhos que fizemos, para entendermos como chegamos até aqui, isto, é se localizar e se definir como sujeitos e agentes dos fenômenos sociais.

Como vimos patrimônio é uma seleção, são escolhas realizadas mediante os desejos de grupo dominantes de cada época. As definições do que deve ser considerado patrimônio e como devem ser preservados, dizem muito mais sobre a sociedade daquele tempo do que sobre os valores que o Patrimônio Cultural manifesta. É importante pensarmos que não existe uma maneira certa ou errada de se preservar, mas que é legítima a necessidade de se preservar os saberes, as culturas e as memórias.

A premissa que este trabalho tomou foi o cuidado de se preservar democraticamente as diversas narrativas históricas. Foi abrir espaço para que os atores sociais, donos desses patrimônios, pudessem aprender a interpretar e a preservar os valores coletivos, a tomar o protagonismo na construção da História. Acreditamos que esses debates sobre Patrimônios Culturais não devem se restringir ao espaço de escolas e museus, mas devem invadir todas as esferas e espaços públicos. Para que enfim, as decisões do que fazer com o nosso patrimônio não sejam delegadas somente ao Estado, mas que sejam também nossas escolhas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010
- FONSECA, Alice R., **Educação Patrimonial: o objeto cultural como fonte primária para o conhecimento crítico**, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/alice_registro_fonseca.pdf. Acesso em: 14 jan. 2016.
- FUNARI, Pedro Paulo; Pelegrini, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. **Jogos e ensino de história**. Porto alegre: Evagranf, 2013.
- GOMES, Alexandre Oliveira; OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museológico**, Revista Museologia e Patrimônio, UFPE/ UFC, 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em 16 jan. 2016.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF : IPHAN, 2007
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999
- IPHAN, **Educação Patrimonial no Programa Mais Educação - Fascículo 1**, IPHAN/ MEC, Edição 2011.
- IPHAN, **Educação Patrimonial no Programa Mais Educação - Manual de Aplicação**, IPHAN, Edição 2013.
- LAROCHE, Armand François Gaston. (1975). **Contribuições para a pré-história pernambucana**. Recife, Secretaria de Educação e Cultural de Pernambuco, Ginásio Pernambucano.
- _____, **Contribuições para a arqueologia pernambucana** (Os sítios arqueológicos do monte angico Bom Jardim – PE), Recife, 1977.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990

LUNA, Suely et al. **Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-históricas no Brasil**. 2011. Disponível em: <https://www.ufpe.br/cliuarq/images/documentos/2003-N16/2003a4.pdf>. Acesso em: 14 de jan. 2016.

NASCIMENTO, Ana; LUNA, Suely, **Procedimentos para análise da cerâmica arqueológica**, Recife, UFPE, CLIO Série Arqueológica Nº 10, 1994

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O MUSEU NA SALA DE AULA**: propostas para o planejamento de visitas aos museus. Tempo e Argumento, 2012.

RAMALHO, Renato José Alves, **O regime jurídico do tombamento e a proteção do patrimônio cultural**, Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/41486/o-regime-juridico-do-tombamento-e-a-protecao-do-patrimonio-cultural>. Acesso em: 26 jan. 2017.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

SILVA, Daisy Rafaela da. **Patrimônio cultural imaterial**: antecedentes e proteção jurídico ambiental, disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5931. Acesso em: 26 jan. 2017.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **Guia básico de educação patrimonial**: referência nos arquivos digitais. São Cristóvão, Sergipe: VI Colóquio internacional “Educação e contemporaneidade”, 2012

APÊNDICES

APÊNDICE A – Dimensões de análise e resultados brutos das frequências de núcleos de sentidos

DIMENSÃO I: Caráter investigativo

- Nível de conceptualização das cerâmicas indígenas durante a observação
 - Nível rudimentar (25%)
 - Nível elaborado (50%)
 - Nível contextualizado (25%)
- Problematizou a produção e/ou uso da cerâmica:
 - Presença de problematização (50%)
 - Ausência de problematização (50%)
 Identificou a matéria prima da cerâmica
 - Identificação da matéria prima (75%)
 - Ausência de identificação da matéria prima (25%)
- Tipificou a peça em urna funerária ou cerâmica doméstica?
 - Presença de classificação da cerâmica em urna funerária e ou doméstica (50%)
 - Ausência de classificação da cerâmica (50%)
- Identificou aspectos díspares entre a cerâmica escolhida e as demais em exposição?
 - Identificação de aspectos díspares entre as cerâmicas (25%)
 - Ausência de aspectos díspares entre as cerâmicas (75%)

DIMENSÃO II: Deduções sobre o uso das cerâmicas

- Demonstrou entendimento das utilidades práticas das cerâmicas para os povos pré-históricos.
 - Entendimento das utilidades práticas das cerâmicas (75%)
 - Não demonstrou entendimento das utilidades práticas das cerâmicas (25%)

- Quais utilidades foram atribuídas às cerâmicas*?
 - Atribuição de Utilidade primária (50%)
 - Atribuição de Utilidade Secundária (25%)
 - Atribuição de Utilidade terciária (25%)
 - Ausência de atribuição de utilidade específica (25%)

*O total da porcentagem ultrapassa 100% porque as atribuições de utilidade exigiram uma perspectiva geral das cerâmicas, logo as categorias não são excludentes, pois, algumas das codificações indicam ambas as utilidades, encaixando-se simultaneamente em duas ou mais categorias.
- Deduziu os procedimentos de manufatura da cerâmica indígena antes da demonstração nas oficinas?
 - Deduções sobre procedimentos de manufatura (100%)
 - Ausência de deduções (0%)
- Relacionou o uso das cerâmicas às práticas domésticas?
 - Estabeleceu relação entre o uso das cerâmicas e práticas domésticas (75%)
 - Não estabeleceu relação entre o uso das cerâmicas e práticas domésticas (25%)
- Relacionou a cerâmica às práticas religiosas indígenas?
 - Estabeleceu relação entre o uso das cerâmicas e práticas religiosas (25%)
 - Não estabeleceu relação entre o uso das cerâmicas e práticas religiosas (75%)
- Percebeu mudanças nos modos de utilização da cerâmica durante História?
 - Percebeu mudanças nos modos de utilização da cerâmica durante História (50%)
 - Não percebeu mudanças nos modos de utilização da cerâmica durante História (50%)

DIMENSÃO III: Conceitos sobre o Homem Pré-histórico

- Entendeu as técnicas de olaria como uma herança cultural dos índios

- Entendeu as técnicas de olaria como uma herança cultural dos índios (40%)
- Não entendeu as técnicas de olaria como uma herança cultural dos índios (60%)
- Considerou a manufatura da cerâmica indígena*:
 - Modo de Artesanato (40%)
 - Um conhecimento (40%)
 - Uma técnica (80%)
 - Uma forma de arte (20%)
 - Não considerou definição específica (0%)

*O total da porcentagem ultrapassa 100% porque as categorias não são exclusivas uma das outras, alguns alunos atribuíram uma ou mais definições para a prática de olaria, o que permitiu a presença da codificação em duas ou mais categorias simultaneamente.
- Considerou as técnicas de olaria indígena após as oficinas práticas:
 - Considerou Técnicas aperfeiçoadas (80%)
 - Considerou Procedimentos simples (0%)
 - Não determinou (20%)
- Citou formas de olaria diferentes daquelas trabalhadas na oficina:
 - Citação de formas alternativas de olaria (20%)
 - Ausência de citação de formas alternativas de olaria (80%)
- A oficina de cerâmica facilitou o aluno a entender a complexidade tecnológica envolvida na produção da cerâmica?
 - Demonstraram compreensão da complexidade tecnológica (60%)
 - Não demonstraram compreensão da complexidade tecnológica (40%)
- No início das oficinas como o aluno classificou o arquétipo do homem pré-histórico? *
 - Classificação Humanística Positiva (60%)
 - Classificação Humanística negativa (80%)
 - Animalesco (100%)

*O total da porcentagem ultrapassa 100% porque as categorias não são excludentes.

- Após as oficinas como o arquétipo do homem na pré-história foi classificado?
 - Classificação Humanística Positiva (100%)
 - Classificação Humanística negativa (0%)
 - Animalesco (0%)

- Identificou formas de organização em grupos humanos pré-históricos
 - Citação de formas de organização em grupos humanos (100%)
 - Ausência de citações sobre formas de organização em grupos humanos (0%)

- Identificou mudanças nos hábitos cotidianos do homem na pré-história
 - Identificou mudanças (60%)
 - Não Identificou mudanças (40%)

DIMENSÃO IV: Concepção/Noções sobre as cerâmicas

- O aluno conseguiu identificar o uso da cerâmica escolhida?
 - Identificou o uso da cerâmica escolhida (40%)
 - Não identificou o uso da cerâmica escolhida (60%)

- Como o aluno classificou a cerâmica em termos de subsistência do homem?
 - Classificou como útil (100%)
 - Classificou como inútil (0%)
 - Não classificou (0%)

- Atribuiu importância ao aspecto evolutivo:
 - Estratégias de Caça (40%)
 - Técnicas de Olaria (20%)
 - Desenvolvimento da agricultura (0%)
 - Sedentarismo (20%)
 - Desenvolvimento do imaginativo (40%)
 - Nenhuma em especial (40%)

*O total da porcentagem ultrapassa 100% porque as categorias não são excludentes

- Inicialmente a cerâmica foi identificada como um objeto de difícil manufatura?
 - Identificou a cerâmica como um objeto de difícil manufatura (20%)
 - Não identificou a cerâmica como um objeto de difícil manufatura (80%)
- Considerou a cerâmica um objeto que ajudou no desenvolvimento humano?
 - Considerou que a cerâmica ajudou no desenvolvimento humano (100%)
 - Não considerou que a cerâmica ajudou no desenvolvimento humano (0%)
- Ao ver as cerâmicas em exposição, qual serventia o aluno considerou que elas detinham? *
 - Objeto de uso cotidiano (0%)
 - Objeto estático/ Decorativo/ Expositivo
 - Objeto de valor científico/ Vestígio arqueológico (20%)
 - Objeto tecnológico
 - Patrimônio histórico narrativo (40%)
 - Não considerou serventia (60%)

*O total da porcentagem ultrapassa 100% porque as categorias não são excludentes.

- Qual relação foi estabelecida entre as cerâmicas e o homem? *
 - Meio de subsistência (100%)
 - Manifestação de religiosidade (40%)
 - Objeto sem impacto no cotidiano (0%)
 - Nenhuma relação (0%)
- Qual das utilidades considerou como mais importante?
 - Utilidade primária (40%)
 - Utilidade secundária (20%)
 - Utilidade terciária
 - Nenhuma das utilidades foram consideradas mais importante (40%)

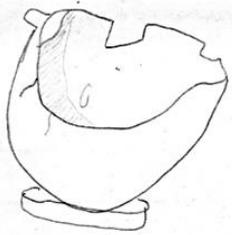
- O aluno identificou a olaria como uma prática do passado, mas que ainda se mantém na atualidade?
 - Considerou uma prática que se mantém no presente (80%)
 - Não considerou uma prática que se mantém no presente (20%)

APÊNDICE B – Amostra de *Ficha de inventário da Cerâmica Indígena*

	<p>Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano</p> <p>Museu Louis Jacques Brunet</p> <p>Atividade do Clube Juvenil-JAP – Jovem em Ação pelo Patrimônio</p>	 <p>SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PERNAMBUCO</p>
<p>Recife, <u>25</u> de maio de 2016.</p> <p>Monitora: Thaynara de Souza Santos – PIBIC História/UFRPE</p> <p>Aluno (a): _____</p>		

Aluno D obj 4

Atividade 3. Análise do objeto ~~831~~ 831

<p>Nome Escreva o nome mais comum e outros nomes pelos quais o objeto é conhecido.</p> <p style="text-align: center;">Cerâmica ou jarro</p>
<p>Imagem No quadro de imagem, insira fotos ou faça um desenho do objeto.</p> <div style="text-align: center;">  </div>
<p>O que é Conte de forma resumida o que é o objeto</p> <p>É um objeto que foi construída para colocar comida ou outras coisas.</p>
<p>Onde está Localize o objeto a partir das referências mais fáceis e conhecidas.</p>

No museu do EREM - GP.
Períodos importantes Descubra os momentos ou datas importantes associados a esse objeto.
Período pre-histórico.
História Conte as diferentes versões sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo.
Éra um objeto utilizado para resevar comida ou água. É agora ele é utilizado para exposição para comparar a época de antigamente com a época de hoje.
Significados Descubra que significados e funções tem o objeto para a sua ^{comunidade} família.
É de grande importante para exposição.
Descrição Pessoas envolvidas com o objeto.
Os alunos do EREM - GP.
Materiais Identifique os materiais utilizados na confecção do objeto.
Água e barro.
Técnicas ou modos de fazer Informe a técnica usada na produção ou confecção do objeto

É misturada o barro e a água dando forma até formar um vazo e depois é colocado no forno ou exposto ao sol.

Medidas
Identifique as dimensões do objeto.

19 x 17 cm

Outras Observações:

Observando a jarro de cerâmica podemos ver em comparação a.o outro jarro, possui uma alça que deveria servir para ajudar em seu transporte.

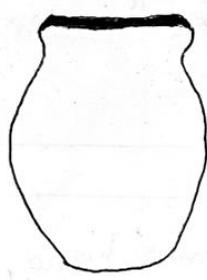
APÊNDICE C – Amostra de *Fichas de inventário do Saber* da Técnica de Olaria Indígena

	<p>Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano Museu Louis Jacques Brunet</p>	
<p>Atividade do Clube Juvenil JAP – Jovem em Ação pelo Patrimônio</p>		
<p>Recife, <u>15</u> de Junho de 2016.</p>		
<p>Monitora: Thaynara de Souza Santos – PIBIC História/UFRPE</p>		
<p>Aluno (a): _____</p>		

aluno F

Saber 5

Atividade . Ficha de análise de saberes

<p>Nome <i>Escreva o nome mais comum e outros nomes pelos quais o saber é conhecido.</i></p> <p><i>Urnas ou jarros</i></p>
<p>Imagem <i>No quadro de imagem insira fotos ou faça um desenho do saber.</i></p> <div style="text-align: center;">  </div>
<p>O que é <i>Conte de forma resumida o que é o saber.</i></p> <p><i>Arte usada para fazer urnas. Que serve para beber água, comers e etc.</i></p>

x

<p>Períodos importantes Descubra os momentos ou datas importantes associados ao saber.</p>
<p>Pré-história</p>
<p>História Conte sobre as origens e transformações do saber ao longo do tempo.</p>
<p>A produção do saler é bem desenvolvida. A 2.000 anos atrás era feito à mão, hoje em dia já tem tornos para se fazer saler.</p>
<p>Significados Descubra que significados e funções tinha o saber para os grupos humanos indígenas pré-históricos.</p>
<p>Servença para eles beber, comer, colocar mantos, etc.</p>
<p>Etapas Informe se há e quais são as etapas associadas ao saber.</p>
<p>1º Primeiro o amassa bem o barro, depois pega uma pequena quantidade e vai fazendo a base depois liga do resto.</p>
<p>Pessoas envolvidas Informe quais pessoas estão envolvidas com o saber.</p>
<p>Antigamente as mulheres eram mais usuárias dessa técnica, mas hoje em dia homens também participam</p>
<p>Modos de fazer ou técnicas Identifique e descreva os jeitos de fazer e os materiais que compõem a atividade do saber.</p>
<p>Com barro e água, pode-se fazer com a mão ou o torno.</p>
<p>Outras Observações:</p>

APÊNDICE D – Amostra de Atividade de Idealização do homem pré-histórico (Inicial)

Plano:

H - Sozinho

✓ NÃO TINHA ENTÃO TAMBÉM

• GUAUUNAS NA ~~REDA~~ CAUONA
A CACHORROS

H - TINHA MODO DE SAIR
DAS CAUONAS

A - GUAU MORTUOS violento

A - CABEÇUDOS

H - GUAU UINGATILOS
vingatiLOS

A - TINHA MODO DA LUZ DO SOL

H+ ~~ACHAVA~~ A SOMBRA

SOMO SE FOSSO UM DEUS
Acharam a sombra como se fosse um deus para eles.

DANÇAS

A - NÃO TINHA MODO DE SAIR

